

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR


PITTACUS LORE

I AM
NUMBER
FOUR

THE LOST
FILES

THE GUARD

A GUARDIÃ

OS LEGADOS  DE LORIEN

OS ARQUIVOS PERDIDOS
AGUARDIÃ
(PITTACUS LORE)

TRADUÇÃO: JOHN DC / ALLIE FREITAG - 2015

REVISÃO: ALLIE FREITAG e JOHN DC

TÍTULO ORIGINAL: THE LOST FILES -

THE GUARD

CAPÍTULOS DE 1 A 11

PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS

PITTACUS LORE

**EU SOU
O NÚMERO
QUATRO**

OS ARQUIVOS PERDIDOS

A GUARDIÃ

#12



-SUMÁRIO-

CAPÍTULO UM.....	05
CAPÍTULO DOIS.....	13
CAPÍTULO TRÊS.....	23
CAPÍTULO QUATRO.....	29
CAPÍTULO CINCO.....	37
CAPÍTULO SEIS.....	43
CAPÍTULO SETE.....	48
CAPÍTULO OITO.....	53
CAPÍTULO NOVE.....	61
CAPÍTULO DEZ.....	70
CAPÍTULO ONZE.....	77
EXTRAÇÃO DE O DESTINO DOS DEZ	
CAPÍTULO UM.....	86

CAPÍTULO UM

EM LORIEN, EU MOREI NA CASA DO MEU AVÔ NA PERIFERIA da cidade, em um dormitório na academia de defesa, em um porão de um apartamento no térreo em frente ao Eilon Park – até mesmo no Kabarak nos Territórios Longínquos por alguns anos depois que meu irmão morreu, quando eu estava feliz por estar perdida e desconectada da Capital e de tudo que era relacionado à ela. Nenhum desses lugares existem agora, depois que os Mogadorianos destruíram meu planeta. Agora tenho apenas a Terra, um mundo no qual não sou apenas uma estranha, mas também uma das últimas do meu povo.

Eu estou nesse planeta há quase dois anos, mas eu não tenho certeza se algum dia será como um lar. Quase senti isso enquanto estava em uma cabine alugada no norte de Nova Iorque por um curto período de tempo há alguns meses. Graças aos Mogs, esse lar também já não existe mais.

Parece que todos os meus lares eventualmente foram destruídos. A morte tende a me seguir onde quer que eu vá, levando aqueles com quem mais me preocupo na maioria das vezes. Então uma das minhas prioridades é ficar sozinha, longe dos outros.

Foi assim que eu acabei comprando um pequeno pedaço de terra isolado no qual eu nunca pisei, no Alabama.

Está anoitecendo quando eu vejo a propriedade com meus próprios olhos pela primeira vez, estacionando na frente do grande portão de aço forjado que leva para uma trilha cercada por árvores. O Nome rancho *Yellowhammer* está escrito em letras enferrujadas em forma de arco no topo. O portão parece imponente, mas é principalmente ornamental. Sendo uma medida de segurança, é ridículo. Não há nem um cadeado nele. A cerca no outro lado também está em péssimo estado, consistindo em algumas listras de arame farpado: uma barreira que não irá manter ninguém longe com exceção dos animais. Eu me pergunto se os fazendeiros que são donos se sentiam realmente seguros com essas linhas *brutas* de metais. Possivelmente, eu suponho. Mas então, eles provavelmente nunca imaginaram que os inimigos deles viriam pelo céu invés de virem pela estrada sinuosa que leva ao Rancho.

Eu sei disso melhor que ninguém.

Ainda assim, o portão e a cerca não são completamente inúteis. Eles me serão úteis quando eu instalar as câmeras de segurança no perímetro. Talvez algumas armas operadas remotamente, também, apenas para o caso dos Mogadorianos conseguirem me encontrar aqui.

Com um pequeno empurrão, o portão de aço forjado se abre, rangendo nas dobradiças velhas. Eu volto para dentro do meu SUV e dirijo sobre a guarda do gado. A sede da fazenda está localizada um pouco após a trilha e está praticamente escondida pelas árvores e colinas. É feita de grossas vigas de madeira. Eu ignoro a garagem na lateral e dirijo pela grama, em direção à varanda. O gramado está amarelado e está na altura dos canos das minhas botas pretas quando eu piso no chão. Eu ando por volta da casa uma vez, conhecendo o local, mantendo meus olhos atentos para qualquer coisa que me

pareça fora do normal ou que possa representar especialmente problemas na segurança gritantes. Não há nada de errado pelo que posso ver por enquanto em qualquer direção além de mais arame farpado e campos vazios e um velho celeiro nos fundos. Pelo menos se esse lugar acabar explodindo também, ninguém irá se ferir além de mim.

Eu piso no degrau da escada quebrada da varanda e ando até a porta de madeira, onde há um grande envelope preso por um pequeno pedaço de fita adesiva. Eu o puxo e retiro um maço de papel que provam que agora eu sou a dona legítima de *Yellowhammer*. Nenhum desses documentos têm meu nome neles – eu não disse a ninguém meu verdadeiro nome, Lexa, desde que eu descobri que os Mogadorianos estavam na Terra caçando os Lorienos.

Não que isso significaria alguma coisa para um Mog se ele o ouvisse – eu não sou Pittacus ou nem um dos outros Anciãos. Mas eu *sou* cuidadosa. O Rancho Yellowhammer é agora, tecnicamente, propriedade de uma corporação que eu criei, subsidiária de uma outra organização que eu inventei, todos os documentos levando a outras informações de uma maneira que nunca poderia ser traçado uma pista de volta para mim.

Recentemente, eu comecei a juntar identidades. Eu fui dezenas de pessoas nas últimas semanas, algumas vezes na vida real e outras na vida virtual. Eu fui Julie quando eu comprei o SUV preto na Pensilvânia. Eu peguei o IP emprestado de um homem chamado Phil quando tentei invadir a intranet da CIA. Eu acho que fui Lindsey quando comprei todas as armas de fogo em Kentucky e Patti quando adquirei todos os meus equipamentos eletrônicos no Tennessee.

Eu pego esses nomes de garçonetes, capas de revistas e de conversas ouvidas por acaso, mudando de identidades diariamente, algumas vezes de hora em hora. Organizar informações e dados sempre foi um dos meus pontos fortes, e eu mudo de identidade para

identidade sem vacilar, gravando Julie, Lindsey e Patti na memória para o caso de eu precisar usá-las mais alguma vez novamente.

As pessoas de quem eu compro as coisas nas lojas de penhores e de computadores nunca suspeitam eu não ser que eu digo que sou. Ou se eles suspeitam, eles não dizem nada. É incrível como poucas perguntas são feitas quando você diz que vai pagar à vista e em dinheiro. E, graças aos firewalls da internet razoavelmente primitiva e aos sistemas de segurança usados pelos bancos desse planeta, dinheiro é uma coisa que vem fácil quando você é uma pessoa que se dá bem com os uns e zeros, como eu.

Nas últimas semanas, eu peguei minúsculas quantidades de moeda de várias contas de bancos do mundo todo. Dinheiro é uma das poucas coisas que eu tenho em abundância. Dinheiro, perguntas e raiva.

Eu abro mais o envelope, e um molho de chaves cai sobre minhas mãos.

Não foi fácil encontrar esse rancho. Eu sabia que precisava de um lugar longe das áreas populosas, ou mesmo da cidade mais próxima, se possível. Lugares remotos que eram fáceis de localizar, mas me demorou algum tempo até que eu encontrasse alguém que quisesse fazer negócio o mais rápido possível, e sem me ver pessoalmente.

Tudo o que precisei fazer foi juntar algum dinheiro e forjar algumas assinaturas, e de repente eu sou a dona de um pedacinho desse planeta.

Eu dou outra olhada na varanda, e não posso evitar pensar como Zophie teria gostado deste lugar. Ela passou muitas noites na varanda velha cabine em Nova Iorque com uma xícara de chá, olhando para nada em particular. Provavelmente pensando em seu irmão, Janus. Quando ainda tínhamos esperanças de ele estar vivo.

Sinto uma dor superficial no meu peito. É um sentimento que já estou familiarizada, a dor que vem quando penso em Zophie, em Janus ou no meu irmão, Zane, que estão em minhas memórias. Não

importa o tanto que eu tento não pensar nisso e mantê-los enterrados nas minhas memórias, eles sempre conseguem me encontrar novamente.

Eu lembro a mim mesma que não é tristeza que eu deveria estar sentindo, e sim raiva. Disso, pelo menos, eu posso tirar proveito. Era o que me motivava em Lorien quando eu queria nada além de derrubar os Anciãos e extirpar nossa sociedade. Agora, a raiva contra os Mogadorianos é o que me motiva na maior parte do tempo.

Um desejo forte de vingança no nome de cada um que eu perdi.

Mas para fazer os Mogs sofrerem, eu tenho que trabalhar. Então eu engulo seco, balanço minha cabeça algumas vezes e destranco a porta da frente.

Interiormente, a casa está empoeirada, toda a mobília está coberta com lençóis brancos. O crânio com chifres de um animal grande está pendurado sobre a lareira. O porque as pessoas da Terra escolhem decorar suas habitações com esqueletos de animais, não faço ideia. Matar por esporte era um crime impensável em Lorien, mas baseando-me em algumas histórias apavorantes que eu ouvi em lojas de caça durante minhas viagens por aqui, eu cheguei à conclusão que isso não é incomum na Terra.

Eu posso imaginar qual seria a reação de Crayton se ele estivesse aqui comigo, conhecendo o afeto que ele tem pelos Chimaerae. Há uma batida mais forte no meu peito quando penso onde ele deve estar agora. Será que ele e Ella estão a salvo? Quanto será que ela cresceu desde a última vez que a vi?

Novamente eu tento me livrar desses pensamentos e continuo seguindo em frente.

Eu puxo um dos lençóis brancos de uma mesa e o jogo sob o crânio do animal, escondendo-o. Então eu vou explorar os outros cômodos. A geladeira na cozinha tem um congelador grande, o que significa que minhas visitas à cidade para compras não serão

frequentes. O *closet* pode servir para guardar minhas armas. Eu deixo a mobília que está dispersa nos quartos cobertas e vou para o escritório que fica no fim do único corredor que passa pelo meio da casa.

Será aqui onde vou passar a maior parte do meu tempo – o santuário na minha mais nova base de operações.

Eu começo a descarregar o SUV.

Até recentemente eu viajava sem nada, mais porque os Mogs destruíram quase tudo o que eu tinha nesse planeta enquanto eu estava procurando pela Garde. Por algumas semanas eu viajei através dos Estados Unidos desarmada, uma estrangeira num mundo que não é meu. Eu pensei em procurar o resto do meu povo: a Garde e os Cêpans que vieram na outra nave. De acordo com Janus, eles se espalharam. Foi isso o que ele disse antes de ser executado pelos Mogadorianos na frente de uma câmera em um vídeo que recebi.

As evidências que eu descobri online parecem bater com essa informação. Eu encontrei pistas deles aqui e ali: fotos de um homem velho e um garoto pequeno com uma Arca lórica tentando viajar para outro continente, relatos de homens tatuados caçando uma criança no Canadá.

Eu não tenho certeza do motivo pelo qual eles se espalharam, mas na maioria das vezes eles cobriram seus rastros muito bem, ficando fora de vista.

Eu acho que os Cêpans são competentes, na maioria das vezes. Há um grande jogo acontecendo aqui, mas eu não consigo descobrir qual. Por que os Mogs estão caçando as crianças? O que há de tão especial nelas? Por que gastar recursos para destruir os últimos lorienos?

Estas são questões que eu tento responder, enquanto faço o que posso para ajudar a manter a Garde escondida. Se eu vejo algo na internet que me parece relacionado à eles, eu tento enterrar a informação e desaparecer com ela. Mas minhas mudanças tornam isso

uma tarefa mais difícil. É por isso que estou aqui em *Yellowhammer*. É uma base de operações para uma guerra que próxima. Porque, se os Mogs estão aqui na Terra, é provavelmente uma questão de tempo até que eles façam aqui o que fizeram com meu planeta.

A maioria das caixas que tenho estão com equipamentos eletrônicos que eu comprei durante as minhas viagens através deste país. Assim que tudo está empilhado no escritório, eu começo a juntar tudo, desmontando-os e montando-os de uma maneira mais eficiente, adicionando sistemas que vão incorporar ao mais sofisticado notebook que eu criei no Egito usando alguns itens lóricos.

O notebook personalizado é bom, mas a máquina que estou montando irá me dar mais poder de processamento e armazenamento. O trabalho é tedioso, mas eu mantenho o foco. A noite cai e então o sol nasce. Eu pauso algumas vezes para beber água ou para esticar minhas pernas.

Quando minha cabeça começa a latejar por me concentrar tanto, eu dou uma pausa e vou para fora, procurando lugares onde eu possa colocar câmeras de segurança quando o computador estiver funcionando—alguma coisa mais substancial que arame farpado.

Esse lugar vai precisar de muita coisa, mas no final quando estiver tudo pronto este será uma fortaleza de conhecimento e poder. Eu planejo coletar cada informação que eu puder sobre os Mogs.

Aqueles bastardos que destruíram meu planeta, que *assassinaram* minha amiga, vão pagar. Eu vou descobrir o que eles querem e vou ajudar os outros lórienos a derrotá-los. De alguma forma, de algum jeito.

Eu abro as portas quase enferrujadas do celeiro nos fundos. Elas rangem como se não tivessem sido abertas por um longo período de tempo. A luz passa por um pequeno lugar sem telhado, iluminando alguns fardos de feno e um conjunto de ferramentas penduradas na parede.

A GUARDIÃ

O lugar não é grande coisa – de fato, parece que com apenas um empurrão tudo desmoronaria - mas isso irá servir para algo.

Com sorte, logo eu terei uma nave aqui. Aquela que trouxe os Gardes escolhidos e seus Cêpans para este planeta – talvez a última nave lórica que restou no universo.

Porque qualquer que seja o motivo pelo qual a Garde está aqui, eles vão precisar de toda ajuda que receberem. Eles estão sendo caçados. *Nós* estamos sendo caçados. E quando eles dominarem seus Legados e decidirem que é hora de atacar os Mogadorianos, eles irão precisar da nave.

Droga, eu mesma vou pilotá-los contra os Mogs.

CAPÍTULO DOIS

ASSIM QUE MEU SUPER NOTEBOOK – OU PELO MENOS O MELHOR que se pode encontrar nesse planeta – está ligado e pronto em cima da mesa, eu imediatamente começo a trabalhar.

Eu começo com informações que eu tinha de Zophie e Janus. Não é muito, mas é isso o que eu tenho por enquanto para poder ajudar.

Desde que rastrear a Garde se provou ser uma coisa meio impossível, eu tento uma aproximação diferente. Há um longo tempo atrás quando ainda estávamos viajando pelo espaço numa nave reformada, Zophie mencionou que Pittacus Lore havia feito contatos aqui na Terra para os Garde escolhidos. Se eu encontrar essa pessoa, talvez eu possa ter uma noção melhor do que está acontecendo. Ele ou ela pode até saber onde a nave de Janus está.

E sempre há a possibilidade de que talvez Pittacus Lore sobreviveu à queda de Lorien. Quem sabe onde os Anciãos estavam quando nosso planeta foi destruído? Talvez até estivessem por aqui. O contato dele deve saber.

Então eu foco na minha investigação com uma simples pergunta: Como Pittacus Lore iria recrutar humanos para ajudar os lorienos?

Eu passo incontáveis horas pensando nisso, tentando entrar na cabeça de um Ancião. Será que ele escolheu um grande pensador? Ou um líder militar? Ou talvez ele pode ter escolhido alguém extremamente rico que teria recursos para proteger os últimos da nossa espécie. Essas dúvidas apenas me levam para mais perguntas: Quais idiomas terrestres Pittacus falava? *Quantos* contatos ele tinha nesse planeta? Quando eu estava na Academia de Defesa em Lorien, eu trabalhei no melhoramento de tecnologia para os seres que vivem aqui na Terra. Pela primeira vez na minha vida, eu me arrependo de não ter explorado mais o lugar. Se eu tivesse, talvez eu teria mais informações para trabalhar agora.

Eu mal durmo e raramente saio do escritório dos fundos. Com cortinas pretas nas janelas, eu mal consigo perceber se está claro ou escuro lá fora. Eventualmente eu percebo que talvez eu esteja olhando para isso da maneira errada. Talvez Pittacus não encontrou contatos na Terra. Talvez alguém da Terra o encontrou.

Isso é algo que eu posso usar, algo menor. Eu começo procurando nas pesquisas iniciais da Terra para fazer contato com outros planetas. Há relativamente poucas, e estou surpresa, não pela primeira vez, mas sobre como é estranho pensar que seu pequeno planeta de sujeira, mato e água pode ser o único nessa situação para suportar a vida.

Com o passar dos dias eu sigo pistas que não levam a lugar nenhum. Eu invado contas de e-mails e rastreio os históricos dos navegadores de uma dúzia de astrofísicos, cosmologistas, astronautas – até de alguns teóricos doidos de conspirações. Eu não encontro nada que tenha ligação com Lorien ou com Pittacus Lore.

Finalmente, eu tropeço em um candidato promissor. Eu encontro informações sobre um homem chamado Malcolm Goode, que era conhecido pela sua crença em seres extraterrestres – tanto que aparentemente custou a ele seu emprego num estabelecimento de

educação que não é muito diferente da ADL. Mais importante: ele publicou vários artigos detalhando suas tentativas de enviar mensagens a outros planetas.

Seus métodos e suas pesquisas, ainda primitivas, são seguras.

Depois de eu ter o nome, e inventar um pouco de histórias, não demora muito até eu encontrar o próprio Malcolm. Parece que ele está morando em uma pequena cidade em um estado chamado Ohio. Eu faço mais pesquisas e encontro alguns endereços de e-mail relacionados ao seu nome. A partir daqui, não é muito difícil invadir suas contas eletrônicas, onde eu navego por cada correspondência do que parece ser uma vida rotineira.

Com exceção de um e-mail que descobri que me leva até um fórum particular online. Está inativo há anos, e todas as correspondências parecem inócuas. Ainda assim, eu pesquiso mais fundo, até eu encontrar uma mensagem apagada ainda à espreita nas linhas de códigos que compõem o quadro de mensagens:

**Olá? Malcolm? Ainda há alguém por aqui?
Houve mais contatos de Pittacus? - Ethan**

Eu considero tentar contatar Malcolm online ou por telefone, mas eu percebo que se ele foi a pessoa que Pittacus contactou, ele provavelmente jurou segredo. Eu não quero arriscar o seu desaparecimento por minha causa, então invés disso eu carrego alguns geradores e armas para o meu SUV e dirijo do Alabama até Ohio durante quase todo o dia seguinte. Eu odeio ter que deixar Yellowhammer sem proteção, mas seguir está pista é prioridade. Além disso, eu não acho que fiz nada demais lá para soar alarmes para os Mogadorianos.

Não ainda, pelo menos.

Malcolm vive no subúrbio de uma cidade chamada Paradise. Quando eu chego, eu estaciono no fim da rua e observo a casa por alguns momentos, tentando ter uma ideia de como o homem é.

Através do meu binóculo eu o vejo passar pelas janelas, junto com uma mulher e um garoto pequeno, que deve ter em torno de seis ou sete anos. Sua esposa e filho, eu presumo – eu me lembro de haver a menção deles em alguns dos e-mails. Eu o vejo aguar algumas plantas no quintal da frente, e depois a lavar e secar a louça na cozinha. Sua vida parece extremamente perfeita e comum – tão normal que estou preocupada se esse é o cara certo.

Quando a esposa sai e seu filho vai brincar no quintal dos fundos, eu faço meu movimento. Eu sigo até uma caminhonete na garagem de Malcolm e estaciono. Alguns segundos depois estou em parada em sua varanda, batendo na porta. Eu mantenho as armas de Raylan na minha cintura, abaixo do sobretudo. Eu decidi carregá-las comigo para todo canto, apenas para prevenção.

Malcolm atende a porta com um sorriso. Seu cabelo ondulado é escuro e um pouco desarrumado. Seus olhos estão claros, sobrancelhas erguidas em antecipação.

— Posso ajudá-la? – ele pergunta, levantando os óculos de lentes grossas do nariz. Ele é magro e eu sou muito mais alta que ele. Ótimo – se isso acabar mal e ele não ficar feliz por eu aparecer na sua porta, eu terei uma vantagem.

Eu vou direto ao ponto.

— Estou aqui por causa de Pittacus Lore.

Ele pausa antes de responder.

— Acho que você bateu na porta errada.

— Nós dois sabemos que isso não é verdade – eu digo, mas não em inglês. Eu falo no idioma de Lorien. Parece tão estranho na minha língua agora – eu não tenho falado o idioma do meu povo há meses. Malcolm estremece enquanto eu falo. Seus olhos se arregalam por um

momento, e então ele pisca muitas vezes, me encarando com uma mistura de confusão e felicidade. Esse é exatamente o tipo de reação que estou procurando.

— Que idioma é esse? — Malcolm pergunta, quase em silêncio. — Eu nunca ouvi antes.

Eu volto para o inglês.

— Eu sei quem você é, Malcolm Goode.

Ele começa a fechar a porta, mas coloco meu pé no vão antes que ele consiga fechá-la.

— Me escute — eu digo firmemente. — Eu não tenho a intenção de machucá-lo, apenas procuro por informações.

— Eu não sei do que você está falando — ele diz, tentando tirar o meu pé do caminho.

Eu coloco minha mão na porta, flexionando meus dedos e a empurrando um pouquinho. Malcolm deve ter sentido a resistência, porque sua respiração aumenta.

— Eu só quero respostas — eu digo.

— Eu não sei nada — seu tom de voz está mais alto agora, quase em pânico. — Se você não for embora agora vou chamar a polícia.

— E dizer o quê? — eu pergunto. — Que eu vim procurar informações de um Ancião lórico? Você não vai querer isso nos jornais. Isso traria os Mogs diretamente até você.

O rosto de Malcolm fica branco. Ele para de tentar fechar a porta.

— Eles estão aqui — eu continuo. — Os Mogadorianos. Ele contou para você sobre eles, não? Pittacus devia saber o que estava para acontecer em Lorien então ele preparou as coisas com você. Os Mogadorianos estão neste planeta. Eles vieram para a Terra. Eu só quero respostas.

Malcolm olha para mim. Ele procura algo no meu rosto. Eu posso ver as engrenagens funcionando em sua cabeça, tentando descobrir o que fazer em seguida.

— Como eu posso saber que você não é uma... uma Mogadoriana?

— Malcolm, se você visse algum daqueles bastardos, você perceberia que essa é a pergunta mais insultante que você já fez.

Ele move um pouco a cabeça. — Pelo o que eu ouvi... posso imaginar.

— Eu sei sobre aqueles que vieram de Lorien. Os nove Garde e os seus Mentores. Eu sou uma amiga. Caso contrário, teria aparecido aqui com um exército.

Depois de alguns momentos, ele retira o resto do seu peso da porta, abrindo apenas o suficiente para que eu pudesse entrar. Enquanto ele põe a cabeça pra fora para espiar, eu investigo primeiramente alguns cômodos da casa, fazendo o reconhecimento do lugar, para me preparar para qualquer coisa. Não é porque esse homem foi escolhido por um dos Anciãos lóricos que ele é confiável. Não para mim, pelo menos – não quando eu mal confio em nenhum dos próprios Anciãos.

Eu mantenho uma das mãos no meu bolso, preparada para pegar a minha arma no primeiro sinal de falta de cooperação de Malcolm.

Mas ele coopera. Ele me leva até seu escritório. Prateleiras de madeira escura nas paredes. Elas estão cheias de livros, documentos e papéis que estão empilhados uns em cima dos outros em uma bagunça. Há várias dessas pilhas espalhadas por todo cômodo, e por um momento me lembro do meu pequeno porão do apartamento em Lorien, cheio de todos os tipos de computadores e vários outros projetos eletrônicos.

Malcolm vai até a janela e espia lá fora, onde seu filho corre com uma nave ou algum tipo de avião de brinquedo nas mãos, segurando-a por cima da cabeça. Quando ele parece satisfeito que seu filho está seguro, ele fecha as cortinas e se vira para mim.

— Como você—, ele começa.

— Uma velha postagem – eu digo.

— Mas... nós abandonamos aquilo *direito* logo após a nave ter pousado. E sempre falamos em uma linguagem de códigos. Qualquer coisa notável foi deletada.

— Nunca nada é realmente apagado da internet, Malcolm. Um dia seu povo irá descobrir isso. Se serve de consolo, eu demorei um pouco para encontrá-lo.

Ele balança a cabeça. — Mas fomos tão cuidadosos. Nunca houve realmente detalhes verdadeiros mencionados. Esse tipo de coisa conversávamos apenas cara a cara.

— Alguém não seguiu as regras — eu digo.

Ele considera isso por alguns instantes, e então sua expressão se transforma em desapontamento.

— Eu pensei que havia me livrado de... — ele suspira. — Nada é realmente apagado. Ele morde os lábios. — Ethan. Eu sempre achei que ele acabaria sendo um problema. Foi por isso que cortamos ele antes mesmo da nave pousar.

— Como foi que Pittacus o recrutou? — eu pergunto. — Pelas suas mensagens enviadas ao espaço?

Ele olha para mim em dúvida antes de assentir.

— Eu fiz minhas pesquisas sobre você — eu explico. — Vocês ainda mantêm contato? Poderia mandar uma mensagem para ele?

As sobranceiras de Malcolm se juntam, e seus olhos miram o chão.

— Eu lamento — ele diz. — Mas Pittacus está morto.

Essas palavras pousam em meus ouvidos, mas eu sinto elas no meu coração, meu estômago se revirando tanto que eu quase vomito. Isso sempre foi uma possibilidade. Ainda assim, ouvir isso retira um pouco do ar dos meus pulmões. Eu sempre quis a queda dos Anciãos, mas nunca a morte deles. Não de verdade. Somos cada vez menos e menos.

— Você tem certeza? — eu pergunto.

— Quase absoluta – ele responde. Ele olha para a janela e depois se vira para mim.

— E sobre um homem chamado Lorigas? – eu pergunto.

— Um dos outros “Anciãos”, né? Pelo que Pittacus me disse... eu acho que todos eles se foram também.

Eu assinto lentamente.

— Havia mais alguém na nave além das crianças e seus guardiões?

— Não. Na verdade havia um piloto também, mas ele era o encarregado de esconder a nave. Eu não—

— Janus – eu digo. — Ele se chamava Janus. Está morto também.

Eu fico de costas para ele, indo em direção às prateleiras enquanto eu absorvo as informações.

— Quem é você? – ele pergunta. — Você fala o idioma deles. Veio de Lorien também?

Estou prestes a responder quando eu vejo – escondido abaixo de algumas páginas soltas.

Eu reconheço; é lórico. Um equipamento de rastreamento usado para ficar de olho nas naves e até em pessoas algumas vezes, dependendo da forma que foi programado.

Se está aqui...

Alguns passos depois, atravessei o cômodo com o tablet em minhas mãos, os papéis que estavam em cima caindo no chão.

— Ele te deu isso? – eu pergunto.

— Sim, Pittacus, sim – Malcolm diz. — Embora eu lamento ele não ter me dado nenhuma instrução além de mantê-lo em segurança. Ele estava machucado e... você sabe o que é?

Eu retiro meu notebook da mochila e encontro um cabo conector de um dos outros aparelhos lóricos. Ele encaixa na entrada na parte debaixo do aparelho, se conectando ao meu computador. Dentro de alguns segundos eu tenho um mapa da Terra.

— Como você... – ele para.

— Eu sou boa com computadores – eu murmuro. — E eu usei esse aparelho uma ou duas vezes em Lorien.

Há pontos azuis piscando através do planeta. Pontos azuis que representam pessoas. Dez no total. Poderia ser os nove Gardes mais um? Talvez Ella? Levando em conta o poder dos seus pais, eu não ficaria surpresa se ela desenvolvesse Legados logo.

Ou é outra pessoa que não tenha conhecimento?

E há triângulos também. Um triângulo no Egito – onde minha nave quebrada está. O segundo está no sudoeste dos Estados Unidos.

A outra nave.

Meus batimentos aumentam tanto que posso senti-los na minha têmpora.

— Você conhece essa área? – eu pergunto.

Malcolm se inclina sobre meus ombros. — Vejamos. Isso parece que é... Oh. – ele suspira um pouco. — Sim. Eu acredito que essa área é onde supostamente a Base de Dulce está localizada. Uma base de operações secretas do governo. A maioria das pessoas está familiarizada com a Área 51, mas essa não é um ponto turístico como o de Roswell.

— Dulce – eu digo. Isso faz sentido. Se o governo norte americano tropeçou sobre a nave de Janus, eles gostariam de mantê-la em segredo. Pelo menos isso significa que ela não está nas mãos dos Mogadorianos.

— O que há em Dulce? – Malcolm pergunta.

— Isso é perfeito – eu digo, ignorando-o. — Eu vou pegar a nave de volta. Com esse tablet, eu poderei encontrar e juntar os Garde facilmente, também.

— Você não pode – Malcolm diz, balançando a cabeça rapidamente. — Eles têm que ficar separados.

— Eles não vão ter a mínima chance contra os Mogadorianos se forem encontrados sozinhos – eu digo.

A GUARDIÃ

Alguma coisa muda na expressão de Malcolm. Ele move a cabeça.

— Você não sabe nada sobre a proteção que foi colocada neles, né?
— ele me pergunta.

Eu estreito meus olhos. — Acho que precisamos ter uma longa conversa, Malcolm Goode.

CAPÍTULO TRÊS

EU SABIA QUE OS ANCIÃOS DEVERIAM ESTAR TRAMANDO ALGO quando enviaram a Garde para esse planeta. Eu até presumi que eles teriam de alguma forma posto em perigo os jovens lóricos em nome do bem maior – o tipo de coisa que eu esperava dos governantes de Lorien. Nunca imaginei que eles dariam a essas nove crianças uma ordem na qual eles deveriam ser mortos e chamá-la de “proteção”. Em termos de sobrevivência, talvez faça sentido. Mas tudo o que eu consigo pensar é na pobre criança que foi escolhida para ser o Número Um. Quem consegue carregar esse tipo de peso enquanto vive?

Esses nove Garde – de alguma forma eles serão os salvadores do nosso povo. Isso ajuda a explicar o porquê os Mogadorianos vieram para a Terra: se os Garde que escaparam um dia irão trazer a ascensão de Lorien, não é difícil presumir que a primeira coisa que eles irão fazer será destruir aqueles que acabaram com nosso planeta. Claro que os Mogs querem erradicá-los.

É óbvio o motivo deles estarem separados agora. É a razão pela qual eles estão tão distantes uns dos outros, esses pequenos pontos na minha tela mostrando a localização através deste planeta. Eu estive

sendo cautelosa para reuni-los, mas agora eu tenho certeza de que seria perigoso para todos nós. Se estivessem juntos, com um único ataque os Mogadorianos poderiam destruir as nove crianças de uma vez. É melhor que fiquem separados. Pelo menos por enquanto. Pelo menos até eles estiverem mais velhos e mais fortes, com Legados desenvolvidos para usar na luta. Espero que os Cêpans deles sejam habilidosos – que foram dados à eles os guardiões mais fortes e capazes do nosso planeta.

Eu tenho que deixá-los como estão. Apenas de odiar está ideia, eu tenho que acreditar na sabedoria dos Anciãos e na capacidade dos Cêpans. Mesmo procurar a Garde individualmente significaria correr o risco de levar os Mogs até eles, não importando o quão cuidadosa eu seria. Isso me deixa apenas com um único objetivo claro.

Eu vou até Dulce resgatar a nave.

— Eu vou levar isso comigo – eu digo, olhando para o tablet branco.

— O que? – Malcolm pergunta. — Não. Por que? Você não pode.

— Você não tem escolha – eu digo. O tablet é lórico. Pertence a mim.

— Pittacus me pediu para protegê-lo. Ele disse que isso iria se provar útil.

— Exatamente. Eu vou usá-lo.

— Não – Malcolm fecha as mãos e fica parado na minha frente. — É minha responsabilidade. Eu coloquei tudo em risco para ajudar seu povo. Minha vida. Minha *família*. Pittacus me disse para manter esse tablet seguro para a Garde, e é isso o que eu vou fazer. Um dos Cêpans – eu acredito que seu nome lórico seja Brandon – disse que ele iria voltar para pegá-lo se houvesse problemas, ou quando seu Garde estivesse na idade de começar a desenvolver poderes ou o que quer que seja.

Minha mão se movimenta pela arma. Eu não quero ameaçar Malcolm com violência – ele está certo quando disse que sacrificou tudo para ajudar meu povo – mas eu não vou deixar essa peça tecnológica nas mãos de alguém que nem sabe como usá-lo propriamente.

Há um barulho no corredor. Eu me viro e vejo o filho do Malcolm parado na frente da porta. Um robô de plástico está no chão, na sua frente. Ele está vestindo uma camisa com uma imagem de Saturno nela, o sexto planeta desse sistema solar. Eu reconheço os anéis. O garoto é pálido e magro, e tem um cabelo ondulado meio loiro, e embora fisicamente ele não pareça nada com Zane, há algo em sua expressão – admiração – que imediatamente me faz pensar em meu irmão. Dói em algum lugar dentro de mim que eu havia finalmente começado a curar.

— Sam – Malcolm diz, deixando sua postura amolecer. — Poderia ir lá para fora?

Sam está olhando para mim. Malcolm olha do filho para mim algumas vezes antes de atravessar a porta e levá-lo para longe de mim.

Eu penso no fato de que essa família na pequena cidade de Ohio talvez tenha salvo os últimos da minha espécie. E sobre como eu estava considerando apontar minha arma e forçar Malcolm a me deixar levar o tablet. O que Zophie iria dizer? Ou Zane?

Eu não sou um Mogadoriano. Não vou ameaçar esse homem e seu filho. Eu não faço esse tipo de coisa.

Além disso, se os Cêpans estão contando com o tablet estar em Paradise, eu não posso levá-lo para o Alabama.

— Seu filho pode ficar – eu digo, deixando o aparelho na mesa de Malcolm e guardando meu notebook. — Eu já estava de saída.

Malcolm olha confuso, mas assente.

— Diga a quem quer que venha pelo tablet que a nave no Egito está quebrada – eu digo, passando por Malcolm e seu filho em direção a porta da frente.

— Espere – ele diz. — Quem é você? Como chegou aqui? Você nem me disse seu nome. Onde está indo?

— Novo México – eu paro na varanda, me virando para ele. — Malcolm. Considere minha visita como um aviso. Eu encontrei você. Demorei, mas encontrei. E isso significa que os Mog—, eu olho para Sam, se escondendo atrás das pernas do pai. — Significa que *outros* podem encontrá-lo também. Outros que não serão tão amigáveis como eu.

Malcolm me encara, perplexo, assentindo.

— Mantenha sua família em segurança – eu digo, já no jardim dos Goode. — E o tablet também. E pelo menos *esconda* essa droga. A última coisa que precisamos é que isso caia nas mãos do inimigo.

Malcolm ainda está na varanda quando eu estou saindo da sua garagem. Sam aparece no vão da porta. Quando eu chego na rua, ele acena para mim.



A viagem de Paradise até Dulce é longa. Colinas verdes eventualmente dão lugar para os aviões pequenos que parecem se esticar pelo horizonte. Eu descanso em um motel no Kansas por algumas horas, mal dormindo, porque, pela primeira vez desde que cheguei na Terra, eu sei *exatamente* onde a nave de Janus está. E porque estou preocupada em como vou recuperá-la. Eu pesquisei e li tudo o que eu pude encontrar sobre essa “base secreta” na internet. A maioria das coisas parecem vir de teorias de conspiração – embora, a considerar que Malcolm era visto como um deles pelo resto de seus trabalhos, talvez eu não devesse julgar tão rápido. Parece que a maioria acredita

que essa base é parte de algum departamento de pesquisa, o que eu espero que signifique que não estará protegida fortemente.

Talvez eu até seja capaz de me infiltrar nas comunicações deles quando eu chegar perto para eu ter uma noção de como a segurança é por dentro – algo que eu não me atrevo a fazer na rede insegura deste motel.

Possivelmente. Talvez. As incertezas são muitas, e eu tenho que me lembrar de que isso é uma coisa que não posso fazer com pressa. Eu não posso chegar lá e cortar uma cerca ou pular um muro e invadir a base. Só um tolo seria tão imprudente – ou ingênuo – para fazer algo assim.

Eu tenho uma noção de onde a base supostamente está através de mapas na internet e fotografias, e então tento dormir. Na manhã seguinte, eu acordo antes do sol nascer, e dirijo pelas montanhas do Colorado, o que eventualmente me leva direto para o terreno árido do Novo México.

Logo eu encontro uma cerca de metal protegida com arame farpado e coberta de avisos e fotografias de “não se aproxime”. Eu acho que eu estou no lugar certo. Quase não dá para ver o perímetro da base de onde estou. Está no meio da tarde, e eu não estou exatamente imperceptível dirigindo em um deserto meu SUV preto, então eu não testo minha sorte me arriscando a chegar mais perto da cerca.

Invés disso, eu sigo para a cidade mais próxima de Dulce e pago pela estadia de uma semana num hotel barato. Eu escondo a maioria das coisas no pequeno quarto para o caso de eu conseguir pegar a nave e ter de abandonar o carro. Deixo algumas armas comigo, então compro alguns suprimentos adicionais em uma mercearia. Óculos de visão noturna. Algumas tesouras para cortar o arame, caso precise.

Eu retorno quando já é noite. Eu estaciono a um quilômetro de distância da cerca e observo o local com meus novos óculos. Eu não

encontro nenhuma câmara ou alarme. Só consigo ver o topo dos prédios quando eu me aproximo. Eu paro a alguns passos da cerca para observar.

E eu vejo coisas que eu mal consigo compreender.

A base é de propriedade de agências do governo dos Estados Unidos – isso é óbvio de acordo com as informações que eu encontrei na internet e pelos sinais espalhados pela cerca avisando que eu me aproximei de um “acampamento militar”. Eu também consigo ver um monte de veículos com adesivos do governo e coisas do tipo. Há alguns homens armados, andando de um lado para o outro, usando roupa camuflada.

Mas não é isso que faz minha boca cair e minhas mãos começarem a tremer.

Há uma nave estacionada ao lado da torre de vigia. Não é lórica, mas uma que eu reconheço. Centenas delas invadiram o céu de Lorien no dia da invasão, chovendo morte sobre meu planeta, jogando batalhões de soldados até o solo e assassinando meu povo.

É Mogadoriana.

— Puta merda – eu sussurro. — O que os Mogs estão fazendo aqui?

Minha mente começa a pensar nessas implicações. Ou os Mogs invadiram essa base e de alguma forma estão forçando os humanos a trabalharem para eles ou...

Eu engulo seco uma mistura de raiva e descrença.

Ou os Mogs e o governo americano estão de alguma forma trabalhando juntos.

Isso se tornou muito mais complicado.

Eu lentamente abaixo os óculos de visão noturna, tentando encontrar sentido no que estou vendo. É só então que eu ouço passos atrás de mim.

CAPÍTULO QUATRO

— MÃOS PARA O ALTO! – UM HOMEM GRITA. LUZES SE LIGAM. Eu ouço alguns cliques metálicos atrás de mim.

Um olhar sobre meus ombros me diz que eles não são Mogs. Quatro homens com uniformes marrons da força da lei formam um meio círculo atrás de mim, me encurralando contra a cerca. Suas armas estão apontadas para minha costa, embora elas estejam tremendo um pouco. Eles parecem quase assustados.

Eu levo um momento antes de me mover, tomando nota das minhas opções. Eu tenho uma arma no banco de trás e a de Raylan no bolso do meu sobretudo. Eu poderia fazer uma tentativa...

Mas eles são humanos. Estão provavelmente apenas fazendo o trabalho deles. Quais são as chances que eu teria de sair daqui sem acidentalmente matar um deles?

Parte de mim diz que eu não deveria me importar – que escapar seria para o bem dos lorienos restantes. Mas isso soa ridiculamente estúpido como algo que um dos Anciãos diria. E eu não *sou* uma Anciã.

Sou lembrada pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas porque eu gosto de trabalhar por trás das cenas.

— Eu disse, mãos para o alto onde eu possa vê-las! – a mesma voz grita.

Eu me viro lentamente, levantando as mãos. O oficial olha assustado, mas eu não sei qual o motivo por eles estarem surpresos. Talvez pelo fato de eu não ser um homem. Eu cheguei à conclusão de que como em Lorient, na Terra não é comum haver mulheres tão altas. Depois do momento de surpresa, então, há uma onda de alívio sobre eles. O que está com um grande chapéu – quem eu presumo que seja o chefe – chega mais perto, colocando a luz de sua lanterna no meu rosto. Ele observa minha cabeça recém raspada, então olha meus olhos por alguns segundos.

— O que você está fazendo aqui? – ele pergunta.

— Visitando – eu respondo.

Ele deixa escapar um grunhido, mas eu posso ver que sua postura mudou. Eles abaixam as armas um pouco.

— Essa é uma propriedade do governo – ele diz. — Não é legal entrar sem permissão.

— Estou do lado de fora da cerca – eu digo.

Ele sorri. — O que a coloca sob a minha jurisdição. Agora, eu conheço todo mundo que mora no condado de Rio Arriba, e eu definitivamente nunca a vi antes, o que significa que temos que nos familiarizar. Por que você não começa dizendo porque está espreitando durante a noite com esses óculos de visão noturna?

Ele gesticula para um dos homens. O oficial se move atrás de mim, me revistando antes que eu possa protestar. Ele tira a arma do meu bolso.

— Que... – ele sussurra, segurando a arma.

Ele obviamente nunca segurou esse tipo de arma antes e não percebe quão sensível o gatilho é, porque a arma dispara com um som

eletrônico e faz um buraco derretendo o pneu dianteiro do lado do motorista do meu carro. O SUV inclina enquanto o pneu murcha.

— Droga—eu murmuro.

De repente, todos estão apontando as armas para mim de novo, e então o homem com o chapéu coloca minhas mãos para trás de mim. Eu penso em resistir, mas não há como eu me livrar de todos eles agora. Um dos homens começa a me fazer perguntas sobre algum deputado que eu nunca ouvi falar, mas o chefe o manda se calar.

— Ninguém pergunta nada a ela até estarmos de volta à delegacia. Esse é meu interrogatório.

— Você quer que continuamos a patrulhar o perímetro? — um dos oficiais diz.

— Desliguem as lanternas — o homem com chapéu diz. — Fiquem em silêncio. Não quero que ninguém os veja — em qualquer lado da cerca.

Ele se vira para mim. — Você tem o direito de se manter em silêncio...

Minha mente trabalha enquanto eu tento me lembrar tudo o que aprendi sobre o sistema de justiça norte americano, qualquer brecha que possa me ajudar.

— Por qual crime eu estou sendo acusada? — eu pergunto enquanto ele me leva em direção ao carro que eu mal enxergo no escuro. — Eu não fiz nada de errado.

— Posse ilegal de arma de fogo — ele diz. — E suspeita de assassinato de um policial.



Eu junto as peças o quanto posso enquanto estou sendo levada de volta para a delegacia, baseando-me na conversa entre o homem de chapéu — que é o xerife do condado — e um dos seus subordinados.

Aparentemente dois oficiais foram investigar o aparecimento de luzes bizarras ao redor da base, embora eu ache que isso não seja algo “estranho” para esse lugar. Mas alguma coisa aconteceu. Apenas um dos homens retornou, seu corpo cheio de buracos de bala cauterizados por algum tipo de arma desconhecida. Antes de ele entrar em coma, ele disse algo sobre homens com tatuagens na cabeça e olhos negros.

Sem dúvidas pela reação deles ao disparo da arma de Raylan.

O pânico começa a tomar conta do meu peito pelo fato de eu estar sendo levada em custódia. Eu não tenho identificação. Eu nem sou humana. E estou algemada na carroceria de um carro de polícia com uma grade de metal me separando dos bancos da frente.

Eu tenho de escapar de algum jeito.

Enquanto andamos por Dulce, sirenes altas e luzes piscando, eu tento descobrir onde estamos em relação ao motel onde meu computador e meu armamento extra estão escondidos. A cidade é pequena, então não demora muito até eu descobrir minha localização – embora isso também signifique que não há muitos lugares em que eu possa me esconder se eu escapar da custódia. Assim que eu avisto o letreiro do motel à distância, eu memorizo o caminho que fazemos.

Eles me levam para uma pequena delegacia no centro da cidade. Eu acho que Dulce não precisa de muito policiamento. O oficial me tira dos fundos do carro e me escolta através da porta da frente para um pequeno hall, onde uma mulher com fones de ouvido está sentada atrás de uma mesa desordenada. A parede de trás é praticamente toda de vidro fosco. A mulher atualiza o homem com notícias sobre o policial ferido deles – que por sinal não é nada bom – e então eu sou levada através de uma porta giratória.

O resto da delegacia é praticamente um grande cômodo aberto, com mesas de madeira alinhadas. Meus olhos observam os arredores. Há uma sala de armas no canto de trás da sala, mas está trancada com

um cadeado. As cortinas estão fechadas nas janelas, e eu me xingo silenciosamente por não tê-las checadas pelo lado de fora para ver se havia grades.

— Você quer ela presa com Tony? – o oficial pergunta, gesticulando para os fundos da delegacia, onde eu posso ver um homem dormindo dentro de uma pequena cela. — Ele provavelmente vai ficar desmaiado até de manhã.

— Apenas a prenda em uma cadeira por enquanto – o xerife responde. — Quero fichá-la.

A algema da minha mão esquerda é aberta e depois fixada ao braço de um móvel que tem uma cafeteira em cima. O oficial aponta para um banquinho ao lado dele, e eu sento desajeitadamente, puxando as algemas enquanto sento, conferindo o peso do pequeno móvel. Mas é pesado. Não há como eu arrastá-lo para fora daqui. Eu observo o local. O oficial mexe a cafeteira antes de andar até uma das mesas. Ele coloca sobre ela minha arma confiscada – agora selada dentro de um pacote de evidências.

— Fichamento – ele murmura, se sentando. — É claro.

O oficial começa a digitar no computador, o xerife olhando sobre os ombros. Pela conversa deles, eu descubro que eles estão escrevendo algum relatório sobre minha prisão. Os computadores que eles têm aqui parecem antigos, e por um segundo eu penso como seria fácil invadir o sistema deles e roubar cada *bit* de informação que eu quisesse. Mas essa é a menor das minhas preocupações agora.

Depois, o xerife começa a andar.

— Nome? – ele pergunta.

Eu o encaro. Nenhum de nós pisca. Eu não sei por quanto tempo isso durou – minutos? Finalmente ele fala de novo.

— Moça, eu posso fazer durante a noite toda, mas eventualmente você irá ficar cansada e com fome. Eu? O oficial pode me trazer um *cheeseburger* a hora que eu quiser. Agora, você não vai a lugar algum

pelas próximas horas, então é melhor que coopere para que possamos fazer a sua estadia ser confortável.

Continuamos a nos encarar. Ele se serve de uma xícara de café, nunca tirando os olhos de mim, mesmo quando ele o toma. A única coisa que nos interrompe é quando a mulher da mesa da frente entra através da porta giratória.

— Uhm, Xerife—ela diz, claramente preocupada com alguma coisa.
— Há dois homens aqui que insistem—

Antes que ela possa terminar, dois homens em ternos pretos entram pela porta giratória. O primeiro é mais velho, com finas listras brancas no cabelo e um nariz enorme. O segundo tem a pele escura, como eu, com um pequeno bigode sobre os lábios.

— Agente especial Purdy do FBI – o primeiro homem diz, segurando algum tipo de identificação que eu não consigo ver. — Eu tenho algumas perguntas para sua detida.

— Agora espere uma droga de minuto – o xerife diz, olhando para os homens. — Como diabos vocês sabiam que havíamos detido alguém?

Purdy sorri. — Estamos sempre observando, Xerife.

Claro que estão – se o governo está trabalhando com os Mogs lá fora, então eles estão tipo, monitorando todos os tipos de meios de comunicação. Eu provavelmente fui filmada durante o tempo todo enquanto estava do lado de fora da cerca, mesmo que eu não tenha visto ascâmeras.

Preço alto por ser cuidadosa. Mais uma vez eu me lembro que deveria estar em *Yellowhammer*, segura atrás de uma tela de computador.

O xerife e o oficial têm uma conversa silenciosa mas acalorada em frente da sala. Purdy vem em minha direção. Ele retira sua jaqueta e mostra uma arma para mim antes de cruzar seus braços.

— Agora, por que você não entra no jogo e começa dizendo seu nome? – ele pergunta.

— Senhor – o outro diz, — agente especial? – diz.

Purdy se vira e encontra seu parceiro segurando um pacote com minha arma dentro. Ele assente, e então o homem a guarda. Então Purdy assobia enquanto volta sua atenção para mim. Quando ele se inclina, eu posso sentir o cheiro de café no seu bafo, e alguma outra coisa. Algo rançoso.

— Arminha bem poderosa aquela sua, em? – ele diz. — Onde conseguiu?

Eu não digo nada. Ele não parece se importar.

— Obrigado por pegá-la, senhores – Purdy diz, gesticulando para o xerife. — Mas eu oficialmente estou no comando dessa investigação agora – ele sorri para mim. — Eu e você vamos ter uma longa conversa na base.

— Do que você está falando? – o xerife pergunta. — A mulher é *nossa* suspeita, e se você acha—

— Você pode discutir comigo o tanto que quiser, mas eu acredito que essa mulher possa ter informações sobre ações terroristas planejadas contra este país. E se você acha que isso significa que o governo vai deixá-la nas mãos dessa droga de delegacia, você está enganado.

Eu praticamente posso ouvir a felicidade nas palavras de Purdy enquanto ele conversa com os outros. O xerife bufa, mas não diz nada. Ainda assim, suas mãos estão na cintura, perto da arma. O outro agente dá um tapinha no peito deles e anda até o outro homem.

Eu estou em pânico. Eu não posso voltar para a base. Não como uma prisioneira. Não se os Mogs estão envolvidos lá. Eles irão descobrir que eu sou loriene e de alguma forma me usar, me *destruir*, como fizeram com Janus.

Eu sei de muita coisa. Sobre Ella e Crayton. Sobre o tablet branco. Eles não podem invadir minha mente. E eu não sei se serei forte o suficiente para aguentar qualquer que seja a tortura que eles usaram para fazer Janus cuspir todas aquelas informações secretas.

Eu tenho que escapar. Eu tentei não machucar ninguém desse planeta – eles apenas estão no meio da linha de fogo de toda essa guerra. Mas eu não acho isso de Purdy. Se ele está trabalhando na base, ele está trabalhando com os Mogs. Eu não me importo em machucá-lo, de fato, acho que adoraria fazer isso.

Ele se inclina novamente. — Espero que aproveite seus últimos minutos de ar fresco. Pois se você não começar a cooperar, eu vou providenciar para que você nunca mais pise na superfície de novo.

Eu tenho uma única chance.

— Isso é pela Zophie – eu murmuro.

E então eu tento desesperadamente escapar.

CAPÍTULO CINCO

MINHA BOTA SE ENCONTRA COM O ESTÔMAGO DE PURDY. Enquanto ele é empurrado para trás, eu escorrego da cadeira e agacho o tanto que posso, e então salto para frente, puxando com força as algemas. A gaveta do armário de arquivo se abre com força atrás de mim. As algemas cravam em minha pele quando são acertadas pela gaveta, mas eu continuo em movimento, puxando o metal com ambas mãos. É a maior sorte do mundo que a gaveta esteja cheia apenas com suprimentos e não arquivos, então sou capaz de puxá-la. Ela voa por cima de minha cabeça fazendo um arco, ameaçando separar minha mão do resto do corpo.

Há um alto som de metal quando a quina da gaveta se encontra com o rosto de Purdy. De repente há sangue por toda parte.

— Meu nariz! — Purdy trota cegamente até a mesa atrás dele. — Ela quebrou a droga do meu nariz!

Ele quase se desmorona sobre uma cadeira com rodinhas. O outro agente está com minha arma, então eu invisto sobre a arma de Purdy, e então deslizo sobre o chão, agora com a gaveta vazia se arrastando atrás de mim.

Eu atiro no teto como antes de eu me agachar atrás de uma das mesas. É o suficiente para que o xerife e seu subordinado procurem abrigo.

Purdy tira um walkie-talkie do bolso da jaqueta e grita algo. De repente há um grito vindo do hall, e eu posso ver uma dupla de silhuetas do outro lado do vidro fosco antes deles entrarem pela porta giratória: dois Mogadorianos.

Merda.

Eu não hesito em atirar alguns tiros contra os Mogs, apenas o suficiente para mantê-los longe. O coice da arma é mais forte do que eu esperava, e eu não consigo atingir nenhum dos meus alvos.

O som de tiros enche o cômodo e quebra os monitores, derruba papéis e quadros de fotos das mesas. Eu ouço um grito atrás de mim – Tony, o cara que está preso na cela, está no chão, com as mãos sobre a cabeça.

— Tony! – eu grito. Ele parece genuinamente assustado por ouvir seu nome, mas ele olha para mim e me encara. Eu mostro minhas algemas. — As chaves?

Ele balança a cabeça, lábios tremendo. Eu não tenho tempo para isso – eu não vou conseguir sair daqui arrastando uma gaveta pesada atrás de mim, e pelo que eu percebo, Tony parece ser um visitante regular nesta delegacia. Se ele não me ajudar, minhas opções são perder minha mão ou tentar atirar nas algemas.

Eu atiro mais duas vezes sobre meu ombro e então me viro para Tony, apontando a arma para ele.

— As chaves – eu digo com firmeza, direto pra ele.

Seus dedos trêmulos apontam para uma mesa há alguns metros de mim.

— S-segunda gaveta – ele diz.

Há uma pausa nos tiros. Eu observo os arredores e vejo que o xerife e o oficial estão pálidos por terem visto os Mogs. Do outro lado,

os bastardos com sede de sangue olham deles para Purdy como se estivessem perguntando o que fazer.

— Que merda – Purdy grita. Ele está agachado do lado de um armário, um lenço ensanguentado perto do nariz. O outro agente está agachado perto dele. — Vocês não deveriam ter visto nada disso. Quantas sujeiras eu vou ter que limpar essa noite?

Eu uso a confusão para correr até a próxima mesa. Tiros fazem com que a gaveta fique toda pipocada. Eu abro a gaveta da mesa e cavo por um monte de pequenos pacotes de batata frita e barras de doces até eu achar a pequena chave.

Talvez a sorte esteja a meu favor.

Eu jogo as algemas no chão e olho para meu pulso, que está bem vermelho. Estou prestes a passar correndo pela porta quando eu vejo outra chave – uma chave de um carro com uma etiqueta dizendo 013.

Eu a pego, apenas para o caso de precisar – se eu conseguir chegar até o estacionamento, o número treze pode ser minha chance de escapar. Eu vou ter que fugir dessa pequena cidade de alguma forma, e se este lugar está cheio de Mogs, eu definitivamente não vou conseguir fazer isso correndo.

Do outro lado da delegacia, os policiais perceberam que os Mogadorianos tatuados de olhos pretos estão usando armas que batem com a descrição da qual foi usada para atingir seu companheiro, e eles gritam todos os tipos de perguntas para os bastardos. Os policiais apontam as armas para eles. Eu uso isso como uma vantagem: eu atiro em direção ao peito de um dos Mogs. Ele solta um grunhido, e então se transforma numa pilha de cinzas no chão.

Os oficiais gritam em confusão. Purdy ordena que o outro agente me pegue, e eu atiro na direção deles. A cafeteira cheia de café em cima de uma das mesas se estilhaça, espalhando cacos de vidro e líquido quente na cabeça do outro agente. Ele grita de dor enquanto eu jogo a gaveta que estava presa em mim há alguns minutos. Ela se

choca com uma janela lateral da delegacia – sem grades do lado de fora.

— Droga—Purdy grita. — Cuide deles, eu peço a mulher.

O Mogadoriano restante atravessa a sala em direção aos policiais e ergue a mão formando um soco. O xerife cai em uma das pilhas. Eu consigo chegar à janela, atirando por trás de mim na direção de Purdy até a descarregar a arma. Eu não o acerto. Ainda assim, eu fiz com que ele se abrigasse, o que me dá alguns segundos extras. Eu pulo pela janela quebrada. O vidro raspa minha pele, me ferindo em diversos locais, mas não é nada sério. Pelo menos, não comparado ao que vai acontecer se eu for preso pelos Mogs.

Do lado de fora, o ar está fresco, e eu corro em direção ao estacionamento nos fundos da delegacia onde eu vejo vários carros de polícia. Eu peço a chave intitulada 013 do meu bolso, pronta para escapar.

Mas não há carro 013.

Droga.

Estou prestes a começar a correr desesperadamente quando eu vejo duas motos da polícia estacionadas no outro lado do prédio. Grandes motos. Uma delas tem #13 pintada na lateral.

É ela que vai me tirar daqui.

Demora-me alguns segundos para descobrir onde coloco as chaves. Então eu apenas empurro alguma coisa que se mova até que eu finalmente aperto o botão na parte direita do guidão que liga a droga do veículo. O motor ronca enquanto eu viro um dos controles – não é tão diferente de alguns veículos que vi em Lorien – e a droga inteira da moto quase sai por debaixo das minhas pernas.

— Whoa – eu murmuro, tentando me equilibrar novamente.

Ouçõ o barulho de tiros atrás de mim, e o visor de plástico da frente da moto se estilhaça – Purdy está fora da delegacia agora, com uma nova arma apontada para mim. Eu imediatamente me arrependo

de ter deixado a minha arma lá dentro. Parece que ele está com problemas para mirar. Levar uma gavetada no nariz irá fazer te deixar um pouco desorientado, eu aposto. Ainda assim, eu não tenho chances. Eu movo o guidão novamente e dirijo para frente, rápido demais no começo. A moto cambaleia, e parece que eu vou cair. Mas eu continuo, acelerando de vagar até eu chegar ao ponto certo. Eu nem tento descobrir como ligar as luzes frontais enquanto eu tento voltar para meu quarto de motel, me lembrando do caminho que fizemos para chegar até aqui.

Os poucos minutos que eu levo para atravessar a cidade parecem horas, e eu tenho certeza de que a cada curva eu vou encontrar uma linha de frente Mogadoriana. Mas as ruas estão calmas, me dando tempo para me perguntar o quanto os Mogs se infiltraram nos Estados Unidos – ou em quantos países, no caso. Quantas lavagens cerebrais eles fizeram nesse planeta?

A Terra ainda tem salvação?

Meus pensamentos voltam para os policiais. Não há chances de Purdy deixá-los vivos. Não depois deles terem vistos os Mogs. Eu ranjo meus dentes até minha mandíbula doer. Se eu não tivesse vindo aqui, eles ainda estariam vivos.

Ou talvez não. Eles estavam investigando a base, apesar de tudo. Eles perceberam que havia algo de errado por ali. Provavelmente seria uma questão de tempo antes dos Mogs e do FBI tomarem alguma atitude. Eu apenas acelerei as coisas. Logo Dulce não será mais do que uma cidade fantasma.

Eu devo parecer uma selvagem na hora que chego no motel, porque quando eu entro na recepção para dizer ao funcionário que eu perdi minhas chaves, ela pula. Mas ela se acalma em seguida. Então leva apenas alguns minutos até que eu esteja fazendo as malas e colocando meus pertences dentro de uma mala grande, e então estou na estrada de novo, deixando Dulce e esses bastardos de Mogadore

para trás. Eu não posso ficar – eles devem estar procurando por mim agora, e não há lugar seguro para me esconder nessa cidade pequena. Eu tenho que ir o mais longe que eu puder, antes do reforço de Purdy aparecer.

Eu dirijo em alta velocidade pela escuridão, o ar da noite se chocando contra meu rosto, e enquanto eu voo pelas ruas, eu não consigo evitar sorrir pelo fato de que, apesar de tudo, eu consegui escapar. Minha capa flutua atrás de mim com o vento, e sem aviso, meus pensamentos trazem meu irmão de volta, Zane. Eu me pergunto se isso era o que ele sentia enquanto ele voava.

É só depois de alguns quilômetros dirigindo que a ficha cai e eu percebo que a nave de Janus – não, não é mais dele – que a *minha* nave está sendo mantida pelo exército Mogadoriano e por agentes governamentais.

Como é que eu vou conseguir recuperá-la?

CAPÍTULO SEIS

NÃO É DIFÍCIL VOLTAR PARA MINHA BASE DEPOIS QUE ESTOU fora de Dulce.

Eu me desfiz da moto da polícia na primeira cidade que eu cheguei, imaginando que eu pareço um pouco deslocada usando-a, para não causar suspeitas. Eu pego um ônibus, o primeiro que segue para o oeste. O deserto lentamente desaparece e a paisagem muda para pastos verdes.

No Texas eu troco de veículo mais uma vez. Eu opto por pegar uma moto que seja minha agora. Mais tarde eu compro outro SUV, mas agora eu quero sentir o vento contra meu corpo, ouvi-lo assobiar no capacete preto que eu comprei, levando consigo todos os pensamentos do que eu devo fazer agora que sei que a Garde não pode ser reunida por hora e que minha nave está sendo vigiada por forças que eu provavelmente nunca serei capaz de enfrentar sozinha. Não numa luta, pelo menos. Eu não posso evitar pensar no fato de que a presença dos Mogs na Terra é muito, mais muito maior do que eu jamais imaginei.

Ou não é? Talvez Dulce seja uma exceção. Talvez seja o único lugar onde os Mogs e o governo estão trabalhando juntos. Aqueles podem ser os únicos Mogadorianos na Terra, por tudo que sei. De acordo com o conjunto de informações que eu tenho sobre Janus e sua nave, acredito que ela deva estar em algum lugar no noroeste do país. E ainda que os Mogs ou o FBI – quem quer que a tenha encontrado – atravessou-a pelo país. Por que transportar tudo para o Novo México, a menos que lá fora o único lugar seguro para escondê-la?

Mais perguntas. A cada vez que uma é respondida, cinco novas surgem.

Deve haver algo que eu possa fazer. Eu não posso ficar sentada por aí nesse planeta pelos próximos anos esperando pelos últimos da Garde desenvolverem seus Legados, contando com eles para ressurgirem como máquinas de guerra indestrutíveis.

Estou perto da fronteira do Texas com o Arkansas quando eu percebo que meus objetivos não mudaram muito. Com certeza, a nave é um deles, mas tenho outras preocupações – como descobrir que diabos os Mogadorianos estão fazendo neste planeta – ainda é relevante. Apenas o foco que mudou agora.

Ao invés de estar me preocupando com o motivo deles estarem aqui, eu deveria estar tentando descobrir *como* eles estão trabalhando. Talvez Dulce *seja* apenas o começo da campanha deles neste planeta. Se for, ainda há tempo para detê-los. Se os Mogadorianos estão apenas começando a se infiltrar no governo, talvez ainda haja tempo de salvar a humanidade.

Tudo o que eu tenho que fazer é descobrir a profundidade da corrupção e então expô-la. Da mesma forma que eu estava tentando fazer em Lorien. A única coisa que mudou agora é que não é o meu povo que eu estou tentando acordar mas sim outro planeta inteiro. Um que não tem ideia de que há outros tipos de vida inteligente

através do Universo, muito menos de que eles já se infiltraram na Terra.

Mas como eu vou convencer um mundo cheio de pessoas que podem não acreditar exatamente que não estão sozinhos nesta galáxia?

Quando eu chego de volta em *Yellowhammer*, com suas colinas e pastos inúteis, eu vou direto para minha base. Eu escrevo uma carta explicando para a raça humana quem são os Mogadorianos e que o governo terrestre talvez possa ter sido infiltrado por esses monstros sedentos de sangue. Eu uso como exemplo o que vi em Dulce. Quando termino, meus dedos planam sobre o teclado. Eu posso fazer isso. Eu posso manipular códigos e fazer com que esse artigo esteja na página principal de todos os websites famosos da internet. Ninguém conseguiria ignorá-lo. Eu poderia ligá-lo às evidências que eu juntei sobre os Mogs e os Lorienos na Terra até agora para que a humanidade me ajude a proteger meu povo.

Mas eu hesito. Eu repenso o que estou fazendo. Mesmo se eu tirar qualquer informação sobre os lorienos, fazer o *upload* dessas informações é um ato hostil contra os Mogs. Expô-los com certeza trará consequências.

E se na tentativa de alertar a Terra sobre o que está acontecendo eu faça com que os Mogs adiantem os planos? De invadir ou conquistar. Ou tirar a Garde de seus esconderijos, muito antes deles estarem prontos para lutar?

E se eu começar uma guerra intergaláctica?

Eu encaro o monitor pelo que parece ser uma eternidade. Depois, salvo o documento que escrevi e mantenho comigo.

Eu percebo que talvez eu esteja pensando numa escala muito grande. Antes de eu tentar trazer a raça humana inteira para meu lado, eu posso trazer apenas alguns. Procurar por aqueles que já sabem que pode haver vida em Marte ou Júpiter ou escondidas no Cinturão de Órion.

Eu sei que há pessoas assim lá fora. Eu já li suas postagens em fóruns e páginas de bate-papo na internet. Eu já inspecionei seus blogs, tentando descobrir se eles são doidos ou se os encontros que eles descrevem foi com os lorienos ou com os Mogs. Malcolm é a prova de que eles existem, de que eles têm compaixão e de que podem ser úteis – embora, vendo-o junto com seu filho, eu não acho que quero empurrá-lo e colocar sua família num perigo maior.

Eu posso juntar um pequeno grupo de espões e informantes. Eu serei cuidadosa ao escolher os candidatos, mas vai valer a pena. Eu vou encontrar aqueles sem família. Pessoas sem laços ou coisa do tipo. Pessoas que gostem de mim. Lentamente porém com certeza, eu posso introduzi-los ao que estou fazendo por trás das cenas – quem é o nosso verdadeiro inimigo.

Eles são o começo. Assim como Pittacus começou com Malcolm. Há pessoas assim pelo mundo todo. Eu só preciso encontrar cada uma delas.

Entre fortificar a segurança do rancho e dos arredores, eu crio um site. Parece normal o suficiente – como dúzias de outros sites de conspiração ou dedicados à existência de alienígenas – com exceção de que esse foi criado com meus códigos, me dando o maior número de informações possíveis de quem o visita. Com esse tipo de informação, eu posso ganhar de qualquer um. E quem sabe: se os Mogs tropeçarem nele, talvez eu seja capaz de rastreá-los também.

Eu vou chamá-lo de “Alienígenas Anônimos”.

Quando chega a hora de criar minha própria identidade no site, eu pauso, olhando para o cursor piscando na tela. Eu não preciso apenas de um apelido, mas de uma nova pessoa. Alguém que eu possa estabelecer uma figura confiável para que então eu consiga juntar aliados. Uma pessoa que eu possa ser por muito tempo.

Eu penso na Garde e no que estou tentando fazer. Depois de alguns segundos, eu digito uma única palavra: *GUARD*.

CAPÍTULO SETE

DEVAGAR, O RANCHO *YELLOWHAMMER* COMEÇA A MUDAR. ISSO começa com instalação de câmeras ao longo da propriedade, com fortes armadilhas e armas automáticas escondidas. Uma vez que o perímetro está seguro, eu foco no interior da casa. Eu selo as janelas do escritório, fortifico as paredes, transformando-as em um quarto seguro. Eu troco a porta normal por uma que é contra explosões que só abre com a leitura da minha digital, e escondo o leitor atrás de um acolchoado que retiro de uma das camas extras e deixo-o contra a parede. Se alguém vier revistar esta casa, eles provavelmente não vão ter ideia de que há um quarto no fundo, a não ser que comecem a pensar realmente em métodos de segurança. Se um dia eu for atacada, esse quarto deve me proteger. Pelo menos por um tempo, tempo suficiente para recarregar as minhas armas e executar mais algumas operações no computador. O único ponto fraco quando eu termino as mudanças é o chão. É lá onde eu planto um pequeno explosivo ativável remotamente, que eu comprei nas partes mais obscuras da internet.

A bomba é para uma emergência, embora seja estranho pensar

nesses termos. Não é proteção para mim na verdade, mas para Garde. Se alguma coisa for acontecer – se parecer que eu perdi o rancho – só alguns cliques num programa e eu posso garantir que o meu trabalho e minhas informações acabem em chamas. Eu prefiro que acabem destruídos do que nas mãos dos Mogs.

Embora eu saiba que não posso reunir os Lorienos, eu dou o meu melhor para servi-los como sendo sua guardiã. Eu continuo deletando qualquer notícia que soe pelo menos um pouco conectada à eles, salvando cópias para mim, para que eu possa ter uma noção de onde alguns Garde possam estar.

A maioria das vezes eu não acho muita coisa. Eu espero que isso signifique que a Garde esteja segura, escondida. Estabelecendo novas identidades. Ficando forte.

Embora eu seja diligente, eu não posso evitar pensar que estou deixar passar alguma coisa. Eu sou uma só pessoa, e esse planeta é muito maior que Lorien. Ainda assim eu estou fazendo o melhor que posso. Os usuários de “Alienígenas Anônimos” às vezes ajudam, meu time de informantes está aumentando. Eles já me informaram de alguns eventos ou notícias que parece que talvez os Mogs estejam envolvidos. É difícil separar as notícias entre todos eles, no entanto. Muitos dos usuários do site são lunáticos ou *trolls*, um termo que eu aprendi e tenho testemunhado em ação desde que comecei “Alienígenas Anônimos”.

Mas há alguns que acreditam de verdade, que me dão informações úteis e seguem as minhas sugestões quando eu digo que eles deveriam investigar mais as suas teorias e reportá-las de volta à mim. Eu mantenho distância deles, usando seus dados, mas tentando não entrar demasiado em suas vidas particulares. Eles trabalham comigo, mas eu estou sozinha. Alguns deles perdem interesse. Um ou dois desaparecem completamente. Eu digo a mim mesma que eles apenas ficaram entediados.

Eu sigo os movimentos dos meus inimigos também, tentando pensar como um Mogadoriano. Eu fico sabendo sobre os estranhos avistamentos de naves em West Virginia, com a descrição similar de algumas das naves Mogadorianas que eu já vi, e de gangues tatuadas vistas em várias partes do mundo.

Tem sido muito mais complicado conseguir informações sobre o envolvimento deles com o governo dos Estados Unidos do que eu esperava. O FBI e outras agências tem *firewalls* tão fortes diferentes de qualquer coisa que eu já tenha visto – muito avançada para esse planeta. A minha suposição é de que, junto com qualquer que sejam as promessas feitas pelos Mogs aos Estados Unidos, eles também estão oferecendo tecnologia. Isso me lembra da Grade de Lorien, porém ainda mais avançada. Impenetrável. Eu estou evitando forçar demais por medo de que essa tecnologia possa me rastrear de formas que eu nunca imaginaria. O que eu preciso é de uma oportunidade de entrar, como quando a Grade falhou em Lorien e eu fui capaz de fazer meu hardware atacar o sistema.

Eu não sei como eu vou conseguir, mas a última coisa que eu quero fazer é invadir alguma base Mogadoriana mais uma vez.

A nave nunca sai da minha cabeça. Eu desenho a planta da nave e escrevo tudo que eu consigo me lembrar sobre o sistema dos computadores e da construção das naves da minha época na ADL. Eu tento estimar em qual estado pode estar depois da longa viagem de Lorien até à Terra. Eu duvido que o poder dos cristais possam aguentar outra viagem intergaláctica, e então eu tento descobrir como eu posso adaptar a nave para aceitar o sistema de combustível viável neste planeta. Minha pesquisa envolve mais conhecimento em engenharia do que eu tive no meu treinamento na ADL. Ainda assim, eu começo a construir algumas preliminares alterações e segundas fontes de energias. Eu quero estar preparada.

Eu continuo monitorando Dulce o quanto eu consigo. Parece que

os meus medos se realizaram. O Xerife e os oficiais que eu deixei para trás são encontrados mortos, e a culpa caiu sob gangues de drogados que frequentam a área. Logo depois disso, a cidade aos poucos se dissipa e some.

Um detetive particular compra maior parte da terra. Eu rastreio o fundo do dinheiro para conta de algumas pessoas. É óbvio que os Mogs ou o FBI são responsáveis. Eu invado um satélite que me dá imagens da base durante o dia – depois um programa de descodifica as imagens – mas a maioria não é detalhada ou não ajuda muito. Mas, eu continuo rodando-as em um dos meus monitores o tempo todo.

Se eles moverem a minha nave, eu quero saber. Eu vejo transportadores Mogadorianos se movendo no vídeo. Eu salvo esses vídeos e os adiciono à minha crescente bomba de informações: uma pasta digital de arquivos que eu reuni sobre os Mogs, sobre a história deles em Lorien e até mesmo um texto que fiz sobre o que aconteceu com meu planeta natal e minhas experiências em Dulce.

Mas a Terra não está pronta para estas informações. A *Garde* não está pronta para que isso seja revelado. Mas um dia eles estarão. Tempo passa. Eu reúno informação. Eu gosto de pensar que eu estou ajudando, mas eu não tenho certeza.

Dois anos passam em uma piscada e eu decido deixar o rancho *Yellowhammer*. Eu fiquei muito confortável na fazenda de madeira, muito familiarizada com as colinas. O lugar de repente começa a me dar claustrofobia. Eu não a abandono completamente – ainda pode ser conveniente um dia - mas eu levo boa parte dos equipamentos e todos os meus dados, eu deixo o local e vou a um lugar isolado nas matas de Óregon.

É lá que finalmente consigo vislumbrar os arquivos do Agente Purdy, graças ao assistente incompetente dele, que gosta de trabalhar com internet desprotegida de cafeterias. Eu consigo entrar no e-mail do Purdy e leio alguns deles com detalhes de uma operação chamada

ProMog. É sempre mencionada, mas nunca explicada, mas eu compreendo que é alguma coisa a ver com a infiltração dos Mogs no governo. Eu tiro algumas fotos e salvo alguns arquivos, mas depois de alguns minutos no e-mail dele, o meu computador enlouquece. Está acabado, de um jeito que eu nunca vi. Eu temo que eu tenha sido descoberta.

Eu deixo Óregon alguns minutos depois, sem olhar para trás.

Eu sempre me mudo depois disso, montando casas seguras pelo país. Quanto mais fundo eu cavo, menos segura eu me sinto estando em um lugar por muito tempo. Mas se mudar tem seus lados ruins. Eu estou no meio da arrumação de uma nova casa quando uma postagem aparece em um blog.

Nove, agora oito. O reto de vocês está por aí?

Na hora em que vejo isso, já o excluo, porém é tarde demais. Eu rastreio o endereço do IP de computador em Londres que publicou a mensagem. Depois disso só leva alguns minutos para descobrir que uma menina de doze anos foi assassinada logo depois da postagem.

Um dos Garde, sem dúvida. Se sua matemática estiver correta, isso significa que ela era a Número Dois. Se ela está morta, isso significa que a Número Um também está, junto com seus Cêpans.

Nossos números continuam diminuindo.

E os nossos aliados continuam desaparecendo. Eu continuei rastreando Malcolm Goode, mas não muito tempo depois que eu o encontrei, ele desapareceu, deixando o seu carro e óculos para trás em um estacionamento de uma mercearia em Paradise. Eu volto a mensagem que eu usei para achá-lo pela primeira vez e tento rastrear os outros correspondentes com ela. Os antigos comunicadores me levam de novo a becos sem saídas ou, o mais comum, pessoas desaparecidas.

As autoridades não parecem ter nenhuma pista sobre onde o Malcolm possa estar – eles acham que ele deve ter ido embora por conta própria – mas eu não duvido que os Mogadorianos ou o FBI acharam ele. Quando eu leio as notícias, algo dentro de mim se contorce, e tudo que eu consigo ver é a face do garotinho parado do lado de fora do escritório do Malcolm, me encarando.

Pelo menos o resto dos Goodes parecem estarem a salvo. Eu estremeço por pensar que os Mogs possam estar usando eles para arrancar informações do Malcolm. Eu considero voltar para Paradise e trazê-los para uma das minhas casas. Mas eles viriam? Se não, eu levaria eles contra a vontade? Eu deveria correr o risco de me expor voltando à Ohio?

Não. Esse não é meu papel aqui e nem a minha função. Eu coordeno as coisas por trás das câmeras. Eu avisei o Malcolm que eles podiam achá-lo. Eu fiz tudo que eu pude. Ele deveria ter ido embora.

Quando eu não estou me mudando ou pesquisando, eu reúno armas, munição, medicamentos, dinheiro – qualquer recurso que possa vir a ser conveniente. Eu coloco várias dessas coisas nas minhas casas, que eu não mais vejo como *minhas*, mas lugares que a Garde talvez possa usar.

Quando eles estiverem prontos. Quando eles estiverem fortes.

Um dia eles vão dar o primeiro passo, e eu vou estar observando, esperando para finalmente expor os Mogadorianos na Terra e ajudar o resto do meu povo a destruí-los.

CAPÍTULO OITO

QUANDO OS MOGS FAZEM A SUA GRANDE JOGADA EM Paradise, anos já se passaram e eu já estou em uma nova base: um antigo pomar de processamento de pocan na Geórgia.

É tão obvio para mim quando eu leio os relatórios – os públicos e os que eu acho nos arquivos do Departamento de Polícia de Paradise – que é um acontecimento com dedo Mogadoriano. Algo grande. Os Mogs não atacariam simplesmente uma escola sem uma boa razão. Especialmente uma localizada em uma pequena cidade onde Malcolm Goode vivia.

Eu penso de novo no que Malcolm me contou, de que um Cêpan dizendo que voltaria para Paradise quando seu Garde estivesse na idade. Quando eu acho no YouTube um vídeo de um garoto que chamam de John Smith, basicamente voando de uma casa em chamas, minhas suposições estão corretas. Pelo menos um Garde enfrentou os Mogs em Ohio.

Eu escrevo uma grande história em “Alienígenas Anônimos”, dizendo que o incidente na escola de Paradise está de um jeito relacionado com atividade extraterrestre. Eu não menciono as

palavras “mogs” ou “lorienos”. O truque de ter esse blog é jogar como se não soubesse muita coisa. Eu estou jogando uma isca, tentando achar alguém com mais informações. O site cresceu e tem uma dedicada base de usuários com o passar dos anos, e como sempre não demora minha até alguém morder a isca.

Eu não tinha toda a história até um usuário com o nome JOLLYROGER182 me contatar pelo site. Ele me conta o que aconteceu na escola e sobre a luta contra os “ETs malvados” da qual ele e alguns amigos participaram. Logo de cara, deduzo que o verdadeiro nome dele é Mark James baseando-me nas informações que ele deixa escapar (que ama futebol, e o nome de sua ex-namorada), que eu cruzo com referências que eu acho no Departamento de Polícia de Paradise sobre o incêndio na casa do James. Ele pensa que está sendo muito cauteloso, mas a sua internet é um livro aberto para mim, até eu ensinar a ele como bloquear o seu endereço de IP e mandar mensagens criptografadas.

Só depois de descobrir que ele conheceu o Número Quatro e a Número Seis que eu fico interessada. Eu não estou só finalmente conversando com alguém que teve contato direto com o meu povo, mas com a história do Mark parece que eles finalmente estão se reunindo. Eu não posso ajudar, mas sinto uma corrente de adrenalina sabendo que depois de todos esses anos de trabalho e planos que eu venho fazendo podem, finalmente, virem a ser útil, que nós podemos expor os Mogs e o FBI.

Primeiro o Mark é só mais um informante. Eu finjo estar animada quando ele usa pela primeira vez as palavras “Mog” e “Lorienos”, como se eu nunca tivesse ouvido antes. Ele parece inofensivo o suficiente, e eu presumo que o interesse dele eventualmente irá acabar – até ele mencionar que a sua ex-namorada, Sarah Hart, está namorando com John Smith. Quando eu leio isso, eu quase não posso acreditar nos meus olhos. Essa é a minha possibilidade direta para a

Garde. Eu tento conseguir mais informações sobre onde Quatro está, mas parece que nem Mark ou a Sarah sabem onde ele e Seis foram quando eles fugiram de Paradise. Parece que algo grande vai acontecer. A Garde e os Mogs estão vindo à tona. A batalha está se aproximando.

Há algo a mais também. O FBI começa a seguir o Mark e Sarah. Um agente dá a Mark um número para contato, que ele passa para mim. Eu ligo, usando um telefone de satélite e um modificador de voz só para garantir. Eu reconheço o alguém do outro lado da linha.

Agente Especial Purdy.

O meu sangue começa a ferver. Eu desejo poder atravessar o telefone e acertar o nariz dele de novo. Instantaneamente eu desligo e destruo o telefone. Purdy parece ser uma autoridade em Dulce, e eu não quero arriscar que me rastreiem usando métodos que eu não conheço. Eu preciso ser cuidadosa.

E então tudo acontece muito rápido. Sarah desaparece. Mark enlouquece. Sua preocupação e paixão estão desenfreadas. Ele tenta a achar de todas as maneiras que consegue, seu desespero para descobrir a verdade sobre o que está acontecendo, brigando até comigo. Eu acabo falando com ele mais e mais – com muito mais frequência do que com os meus outros contatos. Talvez é porque isso se tornou pessoal para mim também. Eu admiro a paixão dele.

Durante as suas investigações, ele descobre cópias de um pequeno jornal chamado “*Eles Estão Entre Nós*”, uma distribuidora que venho sendo informante e dando fundos há anos, trabalhando para expor os Mogs aos poucos. Ele sugere mudarmos o nome do site para “*Eles Estão Entre Nós*” para atrair os leitores do jornal. Eu concordo. É uma boa ideia.

Infelizmente, o Mark não é sempre inteligente. Seu senso de cuidado é problemático. Ele faz acrobacias quando se esgueira no Departamento de Polícia de Paradise, procurando por pistas e acaba por ver um Mog pessoalmente – a parceria entre Mogs e o FBI em

ação. Mark provavelmente deveria ter acabado em custódia ou morto, mas de algum jeito o garoto conseguiu escapar.

Com o notebook do Purdy.

Mark me manda mensagem depois que consegue fugir.

Mark: *Eles estão com a Sarah em Dulce. Naquela base secreta do EEEN!!*

Mark: *Eu vou atrás dela. Eu preciso. Eu estou deixando Paradise agora mesmo. Nós vamos explodir essa coisa.*

Eu quase rio. É claro que é lá que ela está.

Eu começo a escrever de volta para ele, avisando ele sobre Dulce. Que é muito perigoso. Mas enquanto estou olhando para minhas câmeras por satélite da base, eu percebo algo estranho. Há uma falha no canto da tela. Eu continuo assistindo para os mesmo vinte segundos de imagem de novo e de novo.

Merda. Eu me xingo. Não parece que fui descoberta, e não tenho como dizer há quanto tempo essa repetição está passando no meu monitor. Porquê? Será que é só uma precaução? Ou é algo a mais que isso?

Leva alguns minutos para eu achar um jeito de reparar o vídeo, e finalmente a imagem real da base aparece. Há fumaça saindo da base, e parece que os prédios entraram em colapso.

Alguma coisa deve ter acontecido muito, muito recentemente em Dulce. E eu preciso saber o que.

Uma ideia se forma na minha cabeça. Mark James está indo para Dulce. E não é como se eu fosse conseguir convencê-lo a não ir. Não quando isso envolve Sarah. Eu posso ajudá-lo pelo caminho. Dar a ele suprimentos. Guia-lo. Em troca ele vai me contar como está a base agora. O que aconteceu lá.

Por outro lado, se ele for preso, ele vai precisar de alguém de fora para tentar e salvar ele.

Então eu respondo:

Eu: Tenha cuidado. O lugar provavelmente está cheio de Mogs e agentes do FBI. Não faça nada estúpido.

Só leva alguns segundos para ele responder:

Mark: Eu nem sonharia.

Só leva algumas horas para Mark destruir o computador de Purdy, e eu xingo eu mesma por não ter insistido imediatamente para que ele mandasse o computador diretamente para mim. Provavelmente é o mesmo *firewall* que fritou um dos meus computadores em Óregon. Nós fomos possivelmente chutados para fora da máquina para sempre – ou pelo menos até eu conseguir descobrir um jeito de passar pela segurança Mogadoriana – então eu foco em fazer o Mark chegar na base de Dulce vivo, para ele poder me contar que diabos aconteceu lá.

Para garantir que isso aconteça, eu junto um pequeno pacote e encontro ele em pessoa em um posto de gasolina fechado perto da fronteira do Colorado com o Novo México. Eu consigo chegar lá apenas alguns minutos antes dele, depois de ter dirigido à noite toda com a minha moto, indo muito, muito mais rápido do que é legal ou seguro. Ele não seria convencido de esperar alguns dias, insistindo em ir direto para Dulce. Não que eu o culpe – nem parece que a muito tempo atrás eu estava no lugar dele.

Eu dou a ele uma caixa cheia de suprimentos – até mesmo uma granada do Raylan, que eu venho carregando comigo por todo lado, de base para base todos esses anos – e fiz ele assinar uma falsa confirmação de entrega. Eu fingi ser do correio.

Ele não pensa duas vezes sobre o fato de eu não poder ser o *GUARD* assim que ele me vê. Eu estaria pronta para me fazer de burra, mas acho que depois de se referir a mim como “cara” umas cem vezes pelas últimas semanas, ele nunca pensou sobre o fato de que o seu amigo da internet poderia ser uma mulher. E eu não o corrijo. Se ele acabar preso em Dulce e eu não conseguir tirar ele de lá, isso vai ser muito melhor se ele não souber me identificar.

Ele parece diferente em pessoa do que as fotos que eu consegui online. Acabado, com círculos negros em volta dos seus olhos. Os eventos de Paradise e o desaparecimento da Sarah pesam no seu rosto.

Eu acho estranhamente preocupada com ele.

—Você deveria cair fora da estrada e dormir um pouco, —eu digo.
— Você está uma merda.

Eu não prolongo muito a conversa. Invés disso, eu faço uma reserva em um hotel na fronteira do Colorado e espero ele me responder. Parte de mim sente que deveria ter avisado ele melhor, mas eu digo a mim mesma de novo de que ele vai ficar bem. Isso não é como Zophie, quando eu deixei ela sozinha, pensando que Janus poderia estar vivo. Mark é mais consciente do perigo que ele está enfrentando.

O sol está nascendo quando eu finalmente recebo uma mensagem dele. Eu estava prestes a desistir de acreditar que ele era ainda um homem livre.

Mark: *Dulce foi um fracasso. O FBI está abandonando lá. Sarah se foi. Eu acho que o John e os outros a resgataram de lá.*

Eu: *Você entrou e saiu sem ninguém te ver? Eu estou impressionado.*

Mark: *Quem dera. Eu dei de cara com agentes de Walker de Paradise. Ela me deixou ir. Eu acho que ela está trocando de lado, agora contra os Mogs.*

Se a base de Dulce está sendo abandonada, agora é a hora para eu reivindicar a minha nave. Presumindo que eles não moveram ela enquanto o vídeo estava com problemas. Esse pensamento faz com que me sinta quente, meu sangue pulsando nas minhas veias. Além disso, se os Agentes do FBI da base se viraram contra os Mogs, isso significa que pelo menos alguns dos humanos estão começando a ver que trabalhar com esses monstros é uma sentença de morte para a raça humana. Eles não estão seguindo eles cegamente.

Talvez ainda haja mesmo esperança para essa espécie, eu penso. E fazendo isso, eu percebo que talvez pela primeira vez, eu noto o respeito que tenho pelo Mark. Alguém que tem lutado pelos seus amigos e pelo seu planeta por todo esse tempo. Tentando salvar o seu povo de qualquer que seja o fim que os Mogs estão tentando trazer.

E aqui eu estou, guardando informações sobre ele. Usando ele para o meu interesse. Como um penhor.

Quando eu noto isso, eu não sou melhor do que os Anciãos.

Talvez eu possa fazer algo. Eu estou me perguntando o que ele vai fazer agora que Sarah não está onde ela estaria.

Eu: *Onde você está indo agora?*

Mark: *Não tenho ideia. Não posso ir pra casa. O FBI ainda está me procurando.*

Talvez seja a onda de adrenalina pulsando através de mim ou a persistente culpa por não ser completamente honesta com ele – por qualquer razão, eu sinto como se devesse uma para o Mark por me ajudar. Eu posso guia-lo para um lugar.

A GUARDIÃ

Eu o respondo, instruindo-o para dirigir para o Alabama. Eu sei de um lugar que ele pode se esconder por um tempo e continuar trabalhando: no Rancho *Yellowhammer*. Só que faz um tempo desde que estive na propriedade pela última vez, então eu digo a ele para tirar um tempo para descansar – que eu vou ter preparado um lugar para ele assim que eu resolver alguns assuntos pessoais. A última coisa que eu preciso é ter Mark James explorando o rancho *Yellowhammer* e acabar se explodindo por causa da armadilha de defesa que eu esqueci de desativar.

CAPÍTULO NOVE

EU SIGO PARA DULCE. PARA MINHA NAVE.

Eu passo por meia dúzia de SUVs pretos, todos atravessando o deserto, a oito quilômetros do perímetro da base de Dulce. Eu considero essa a hora certa – se esses são os agentes do FBI que o Mark mencionou, então eles de fato abandonaram o lugar.

Ainda assim, tenho um receio sobre essa operação. É uma manhã brilhante, o que significa que eu não posso me esconder na escuridão da noite, e a memória do que aconteceu a última vez que tentei me infiltrar nessa base vem fresca a minha mente. Mas eu não vou ter outra oportunidade tão boa como essa. E quem sabe quanto tempo até os Mogs ou o resto do FBI notar que essa base não está respondendo?

E também, desta vez eu vim preparada.

Eu paro na cerca que fica envolta da base que foi destruída, e tiro algumas das minhas bugigangas da mochila – como um binóculo de temperatura que me ajuda a ver através de seis centímetros de aço. Não vejo nada. Pelo menos nada que possa ser lido como humano ou Mog. Eu percebo um pouco de fogo e luzes, mas nada que sugira que

há alguém lá.

Eu prossigo com muito cuidado e deixo a minha moto perto de uma cova que foi aberta pelo telhado do primeiro nível que desmoronou. Mark acha que a Garde tirou a Sarah daqui, e se essa é a verdade, eles certamente ficaram fortes.

Eu entro na base e pego um pequeno tablet que eu mesma fiz, uma parte computador e outra rastreador – um dispositivo que pode captar as frequências da nave Lórica dentro de um certo alcance. Eu não tinha certeza que iria funcionar até agora, mas está dizendo que sim, a nave do Janus ainda está aqui embaixo em algum lugar. Esperando por mim.

Eu respiro aliviada.

Os Agentes devem ter deixado o local com pressa, porque cada sala que eu passo está revirada, arquivos e folhas espalhadas. O servidor central para os terminais dos computadores parece danificado, como se ao sair, o FBI não quisesse que ninguém mais pudesse pegar as informações. É uma preocupação que eu posso entender. Eu vou voltar e ver que dados eu consigo colher, depois que eu tiver encontrado o que vim buscar.

Eu desço vários andares. E então eu encontro um corredor escuro, com todas as luzes apagadas. É o único lugar da base onde todas as portas estão fechadas. Eu vou atravessando o corredor devagar, na ponta dos dedos, tentando não fazer nenhum barulho. Eu passo por uma porta com uma pequena janelinha, que eu observo com cuidado.

Um homem me encara.

Ele grita, batendo com seus punhos na porta. Ele está vestindo uma camisa social branca com marcas de sangue. De repente, há barulho em todas as portas do corredor, e eu percebo que devo ter entrado em um tipo de prisão ou área de detenção. O barulho é ensurdecedor, ecoando por todo lugar e destruindo todas as esperanças que eu tinha de explorar o resto da base.

Então eu começo a correr.

Eu passo por alguns laboratórios e salas antes de finalmente voar por uma porta aberta que me leva a uma sala, de pura glória em prata. A nave.

A nave é grande, do tamanho de uma casa, mas com a habilidade de voar e deslizar através do ar sem esforço. Mesmo depois de todos esses anos, o metal ainda reluz, feito com material nativo de Lorien. Suas curvas são perfeitamente redondas, lustrosa e aerodinâmica.

Ela me deixa sem fôlego.

Há todos os tipos de fios conectados aos cristais que são os combustores da nave. Eu acho o terminal do computador do outro lado, e eu a ligo, trazendo a nave de volta à vida – agora que eu estou aqui, é fácil passar pelas senhas. Eu tento achar algum tipo de relatório no sistema, eu estou baixando tudo que consigo para o meu tablet durante esse tempo. Pelo que eu posso dizer, as pesquisas aqui têm sido para descobrir como duplicar o poder dos cristais para incorporá-los em suas próprias máquinas de guerra. Os seus arquivos mostram que eles arrumaram um jeito de gastar pelo menos um pouco os cristais, mas isso é tudo, e essas mudanças só duram por um pequeno espaço de tempo. Eu duvido que eu consiga chegar a atmosfera da Terra com isso.

Mas é está bom. No momento eu só quero sair *daqui*.

Com mais um pouco de busca, eu acho os controles que parecem operar um tipo de doca. Eu aperto ele e a dezoito metros acima de mim, o teto começa a se abrir. Areia, sujeira e detritos caem. Eu evito uma pilha de tijolos e o que parece ser um Humvee.

Por um segundo eu paro, mexo a minha cabeça, pensando em como seria estúpido morrer justo quando eu finalmente encontrei a nave.

As portas do hangar abrem completamente. Eu dou alguns passos para a saída e paro. Eu consigo escutar o zumbido, mas eles não

parecem vir da porta de metal, e começam a ficar cada vez mais altos.

É quando eu vejo a ponta de uma nave Mogadoriana em um dos cantos da porta do hangar. Em segundos, dúzias de pálidos e sarcásticos rostos estão me encarando, apontando armas na minha direção.

Eu me abaixo atrás da estação dos computadores justo na hora que os tiros começam. Faíscas de todos tipos voam pelo ar a minha volta, queimando a minha pele enquanto destroem o terminal. Eu xingo quase sem fôlego – por sorte os tiros não sobrecarregam os fios ligados à nave.

Eu sou um alvo muito fácil aqui onde estou. O jeito mais fácil de continuar viva seria o de tentar atravessar a sala e volta para base. Pelo menos lá há muitas opções para me esconder. Mas eu preciso supor que os Mogs já devem estar fazendo uma varredura nos andares da base, e eu não tenho a mínima noção sobre quantos desses bastardos já estão no chão, a base pode se transformar facilmente em uma armadilha de morte. De alguma maneira eu posso acabar presa facilmente.

Por outro lado, agora que eu achei a nave, eu não pretendo perdê-la de vista.

Eu pego a minha mochila e tiro um dos muitos brinquedos que eu adquiri e aprendi a usar desde a última vez que eu fiquei cara-a-cara com os Mogadorianos: uma poderosa, compacta arma. As armas da Terra podem ser brutas e ineficientes, mas praticando nos celeiros e nas matas perto das minhas muitas casas, eu testemunhei como elas podem ser devastadoras.

Se eu conseguir entrar dentro da nave e ligá-la, talvez eu consiga sair viva daqui. Se não... Bem, essa não é bem uma opção. Eu penso em Janus e Zophie, e como quando eu cheguei ao planeta, eu pensei que com certeza nós três um dia estaríamos voando em uma nave juntos. Agora o melhor que eu consigo fazer é recuperar ela por eles.

Por Lorien.

Fico o quanto consigo contra o chão, me esgueiro sobre computador faiscando e atiro neles. Alguns Mogadorianos que estão descendo de uma escada de metal em zig-zag são jogados longe, se transformando em cinzas que caem no hangar. Outros os substituem, e eu uso a surpresa para arremessar a minha mochila na frente e basicamente me joga embaixo do centro da nave, usando-o como cobertura. Uma bomba escurece o cimento do chão, quase pegando em mim. Mas eu consigo escapar, de alguma maneira.

Posso acessar o um interruptor manual de decolagem na escotilha. Uma rampa desce na parte de trás de nave. Um Mog pula de cima da dela, deslizando pela nave lórica e cai no chão. Há um barulho quando ele cai, e quando ele levanta um dos seus braços pende molemente ao seu lado.

Isso não o impede de vir cambaleando e atirando na minha direção. Muitos dos seus companheiros de tropa o seguem, e eu quase não consigo subir a rampa, atirando cegamente para trás de mim o tempo todo. Eu corro, tentando evitar as suas bombas, mas alguns tiros atingem as minhas costas, a minha mochila.

Eu a reforcei com Kevlar, mais para proteger meu laptop e aparelhos que estão dentro, porém isso impede que os tiros queimem meu corpo. Ainda assim, a força me empurra sobre a rampa. Eu fujo o mais rápido que eu posso até o painel de controle na parede da nave. Eu transformo em poeira um dos Mogs que estavam me seguindo e começo a digitar na tela e faço a rampa começar a fechar em alguns segundos – em uma onda os poucos anos de treinamento na Academia de Defesa de Lorien voltam.

Outro Mog tropeça ao que a rampa se dobra. Ele é jogado, e passa por mim, caindo no fundo da nave. No interior da nave eu posso programar os tipos de hologramas e 'paredes', mas agora é apenas uma grande sala vazia. Não há nenhum lugar para ele se esconder, e ele já

é uma pilha de cinzas antes mesmo de pensar em levantar.

Eu corro para a cabine da frente. Minhas mãos voam pelos botões e telas. Na minha frente um Mog conseguiu escalar o nariz da nave e a começa a martelar a cabine do piloto com o cabo da sua arma. Ele vai levar muito tempo tentando quebrar esse vidro reforçado – eu tento não prestar atenção nele.

— Vamos, vamos, vamos – eu repito a mim mesma até os instrumentos começarem a funcionar, a ficarem online. E então eles veem à vida, como se instigados por mim. Os cristais ainda têm um pouco de energia.

Eu posso sentir as engrenagens carregando, o zumbido reconfortante e a leve vibração ecoarem por toda a nave. Eu programo os protocolos de auto lançamento, o que deveria pelo menos me colocar no ar, onde eu poderei colocar curso no mapa ou ficar nos controles eu mesma. O Mog no para-brisa luta para encontrar equilíbrio quando a nave começa a se mexer e decolar do chão. Ele uiva quando ele cai, tombando no cimento.

Está funcionando, eu penso. Eu vou sair daqui.

Meus olhos se arregalam quando chegamos na superfície. Na minha frente está uma nave pequenados Mogadorianos, mas também uma grande, que deve ser usada para transporta tropas – *muitas* tropas. Há muitos Mogs espalhados, todos os olhos no casco prata. Eles congelam só por um momento antes de começarem a atirar. O que parece com um canhão na nave grande vira para mim. Quem sabe que tipo de arma aquele tipo de nave deve ter?

Eu voo através das telas pelo menu na minha frente, até eu achar o que parece ser a parte de armas. A maioria das naves em Lorien não possuíam armas, mas eu acho que os Anciãos equiparam essa aqui com todo tipo de armamento que ela podia carregar. Armas que eu nunca ouvi falar. Eu penso, de novo, o quão longe eles planejavam quem fossemos e há quanto tempo eles sabiam que os Mogs viriam

atrás de nós. Eu não tenho muito tempo para pensar, porque eu ainda tenho várias armas apontadas para mim. E então eu clico em um ícone que parece um tipo de granada e eu miro na nave do inimigo.

Uma pequena esfera de energia começa a crescer logo abaixo da cabine do piloto. Ela começa a aumentar até estar do tamanho da nave dos Mogs. Nada acontece.

Merda.

Eu posso ver que a arma Mogadoriana está carregada. Eu aperto na tela das armas de novo.

— Não me diga que você não passa de uma farsa, sua filha da...

A esfera explode em uma bola de energia que joga a minha própria nave para trás. O piloto automático desliga e eu pego os controles e aperto o acelerador, voando para o céu, muito, muito acima do Novo México, o ar falta nos meus pulmões de tanta adrenalina. Eu checo o radar, mas não há ninguém me seguindo. Eu balanço a nave, me livrando dos danos a centenas de metros do chão, no meio do céu aberto. A nave dos Mogs não existe mais. Não há mais *nada* para me seguir—só pedaços ardentes de metal retorcidos.

Energia passa pelo meu corpo.

— Nós conseguimos – eu digo antes de perceber que essas palavras estão saindo da minha boca. — Nós temos a nave.

Eu não tenho certeza de com quem eu estou falando, quem é o “nós” – se eu estou me referindo a Zophie, ou a Garde espalhada pelo mundo, ou até mesmo a Mark, meu involuntário parceiro nessa operação em Dulce.



No caminho de volta, eu paro no Rancho *Yellowhammer*, estacionando a nave no jardim perto do celeiro. O lugar parece intocável desde a última vez que eu o vi—senão com um pouco mais de mato. Eu acho

uma das chaves escondidas no painel da casa e entro, tirando os lençóis que estão em cima dos móveis. Eu reprogramo a porta do quarto secreto, para abrir com a digital do Mark, que eu tenho graças a um leitor de digitais que eu coloquei no computador que dei à ele.

Dentro da sala eu verifico o estoque de arma na parede, ativo o sistema de segurança, verificando se as câmeras estão todas funcionando. Algumas das armadilhas eletrônicas ainda estão ativadas no rancho, mas eu as desligo para que Mark não encontre com uma arma automática quando chegar. Mas eu posso sempre ensiná-lo como ligá-las, quando ele se acomodar.

Eu mantenho a bomba em baixo da casa pronta para ser ativada se a casa cair nas mãos do inimigo. Só por precaução.

Essa vai ser uma boa casa para o Mark. Pelo menos por um tempo. Até eu descobrir o que fazer com ele, ou até ele fazer contato com a Sarah e o resto da Garde.

Eu me pergunto se eu deveria esperar ele chegar, me revelar para ele. Que eu estou com a nave, depois de tudo. As coisas estão indo bem.

Mas eu reconheço esse sentimento. O pensamento que as coisas estão finalmente indo bem e que tudo está se encaixando. Toda vez que eu me permito de ter um pouco de esperança, as coisas deram muito erradas. Pessoas morreram. Meu mundo foi destruído, e precisando ser reconstruído.

Eu só preciso de um pouco de tempo. Para remontar a nave e descobrir o meu próximo passo. E ele precisa se recuperar também. Eu não estou pronta para guiar o meu *protegido* à uma batalha. Ainda não.

Durante a manhã eu vou pegar a moto guardada no antigo celeiro e vou à cidade, trazer alguns suprimentos frescos: comida, água e munição extra. Um pequeno gesto de agradecimento por ele ser o meu primeiro par de olhos na base de Dulce.

Agora, eu rabisco com uma caneta preta um recado e coloco ao lado das armas para ele achar mais tarde.

Espero que você esteja pronto para guerra.
-G

CAPÍTULO DEZ

A NAVE QUASE NÃO CHEGA AO POMAR DA BASE DA GEÓRGIA. Eu voou abaixo do radar e tento ficar nas nuvens o quanto eu consigo. Nesse ponto, a aceleração é um pouco mais rápida que a de um carro ou moto – a bateria está quase morta. Os cristais estão acabando.

Eu consigo estacionar a nave em um antigo silo da plantação. Eu acho que agora se parece mais com um hangar. A maioria da minha energia e recursos são, imediatamente, focadas em descobrir como decolar – e manter no ar – a nave e de que tudo corra bem.

Eu começo a instalar vários adaptadores e linhas de combustíveis que eu criei no decorrer dos anos, torcendo que o meu trabalho não seja em vão. Eu observo os dados que eu copiei dos computadores de Dulce para ver o que os cientistas andaram fazendo. Eu conecto a caixa dos cristais a saída exatamente como eles fizeram em Dulce. Isso deve me comprar alguns dias.

O único motivo da nave não ter a minha total atenção é porque os meus sensores pegaram estranhas atividades no antigo celular do Mark James. Eu venho monitorando as comunicações dele desde que eu me envolvi com ele no site, só por precaução. É algo que eu fiz com todos

que eu trabalhei no blog – embora o Mark seja definitivamente a pessoa que eu mais me aproximei. Parece que alguém mandou mensagens para ele, dizendo que era o “*GUARD*”, e pediu para se encontrar com ele. Mensagem que definitivamente não partiu de mim.

Em algum lugar, Mark caiu. O inimigo o achou.

Eu tento avisar o Mark, mas é muito tarde. Felizmente ele consegue escapar dos agentes do FBI ainda leais aos Mogs, mas ao custo de uma bomba do Raylan e sua caminhonete, e pelo o que eu posso dizer, a sua estabilidade mental. E também foi baleado no braço enquanto fugia, embora ele jura que não foi nada.

Ele está estressado, perdido e sem esperanças. Quando eu falo com ele no chat criei para o “*Eles Estão Entre Nós*”, ele parece depressivo. De repente estou preocupada que ele possa desistir, mesmo depois de tudo que ele passou. Mas não agora que eu o consegui, que estamos sempre em contato. E assim eu percebo que ele é a única pessoa que eu converso regularmente. Ele é a única pessoa que eu tenho perto de um amigo desde que a Zophie morreu. Então eu faço o meu melhor para arrumar isso e consigo um novo veículo, já com as direções para o Rancho *Yellowhammer*. Isso parece lhe dar um pouco de energia.

Já no Rancho, Mark conecta o resto do computador do Purdy, me permitindo copiar todos os dados que eu conseguir. Eu isolo os dados roubados do Purdy e começo a atacar os *firewalls* de segurança – cortando o resto da comunicação dos Mogadorianos e do FBI, e eu não tenho medo de ser rastreada enquanto quebro cada arquivo no seu disco rígido. O que eu descubro é uma riqueza de informações sobre o ProMog e sobre o envolvimento específico dos Mogadorianos com o governo dos Estados Unidos. Enquanto eu trabalho, Mark resolve finalmente entrar em contato com a Sarah. Como ele pensou, ela vem viajando com a Garde. Ela é uma valiosa fonte de informações, e a ligação ao meu povo na Terra que eu venho procurando.

As coisas parecem estar indo muito bem.

O que não me surpreende quando tudo vai por água abaixo.

Eu estou instalando uma nova linha de programas na nave que vai usar a fonte de combustível primitivo deste planeta, quando eu recebo uma mensagem do Mark dizendo que ele estragou tudo e os Mogs devem ter o rastreado ao Rancho. Ele pergunta se deveria abandonar completamente o local ou voltar as suas anotações. Eu digo a ele que ele deve saber o que fazer.

Ele volta com Sarah ao rancho para fazer as malas. Ele diz para eu esperar uma mensagem dele. Eu vou observar as câmeras de *Yellowhammer* no momento em que os vejo correndo e arrumando as malas.

E então tudo fica preto. Eu não consigo reestabelecer a conexão. Tudo que eu tenho são monitores cheios de estática.

Meu coração cai no meu estômago.

Cada segundo que passa, me deixa mais impaciente, mais preocupada de que eu deveria ter dito para ele deixar tudo e fugir do Alabama. Enquanto eu espero, eu coloco um programa em um dos meus monitores: os controles da bomba embaixo do Rancho *Yellowhammer*. Até que ponto eu deveria presumir o pior e detonar a bomba, para manter os Mogadorianos longe de pegar as anotações do Mark? E se eu detonar a bomba muito cedo e acabar matando o Mark e a Sarah junto? No momento, sozinha na minha casa, tudo que eu quero no universo é ver o nome do Mark aparecer na tela do meu celular. Ele tem sido os meus olhos e ouvidos pelos últimos meses. Nós estivemos em constante contato.

Eu não posso perdê-lo.

Eu nem posso acreditar que aquele usuário JOLLYROGER182, dos “Alienígenas Anônimos” que se referia aos Mogs como “lixos que parecem uma bunda-gorda de outro planeta” na sua primeira mensagem para o *GUARD*, se tornou valioso e não só para a causa

Lórica, mas também para mim.

O tempo passa. Eu encaro a tecla que vai destruir *Yellowhammer*. Eu me pergunto se eu devia pressioná-lo depois de todo esse tempo. Eu arriscaria sacrificar Mark e Sarah para não deixar informações caírem nas mãos dos Mogs?

O alívio recai no meu corpo quando meu celular vibra. É uma mensagem do Mark, dizendo que foram atacados, mas que estão bem.

Eu ligo para ele de um dos celulares via satélite e com o modificador de voz. Minha voz sai eletrônica, distorcida do outro lado da linha.

— O quanto longe você e Sarah estão da casa? — eu pergunto quando ele atende.

— Eu não sei. Talvez um quilômetro e meio? Eu ainda posso vê-la...

Eu aperto o botão. Há estática na linha quando o celular do Mark capta o som do Rancho *Yellowhammer* explodindo.

— Isso deve ter cuidado de qualquer Mog que tenha ficado na propriedade e apagado os rastros de vocês — eu digo.

Mark não parece muito abalado sobre o fato de que ele estava sentado sobre uma bomba todo esse tempo, mas eu estou muito focada em digitar para prestar muita atenção. Em segundos, eu entro no GPS do seu carro e coloco as coordenadas para a casa da Geórgia.

Já é hora de seguirmos em frente com a guerra contra os Mogs. Para encontrar o muito amigo Mark.

O primeiro passo é finalmente me revelar para o Mark e a Sarah.



Quando o Mark e a Sarah chegam, eles parecem atordoados — devido à combinação de ver a mim, a nave e armas automáticas apontadas a eles quando eles acionaram o meu sistema de segurança. O silêncio

não dura, eles começam a perguntar um milhão de coisas. Eu avalio a situação; Mark está febril, e o ferimento de bala no seu braço está completamente infeccionado. A primeira coisa que eu faço é dar a ele antibióticos que eu mantenho guardado junto com outros suprimentos médicos. Ele está bom com relação a isso agora. Para o próximo passo, nem tanto.

— Puta que... – ele quase grita quando jogo álcool no machucado.

— Ele está bem? – Sarah pergunta. Ela está parada a alguns passos de mim, e eu posso ver a preocupação nos seus olhos, não só pela situação do Mark, mas de que alguém que ela não conhece está tratando disso.

— Ele vai ficar bem – eu digo. — Os antibióticos vão fazer a maior parte do trabalho. Ele deve estar de volta ao normal em alguns dias.

— Mas eu tenho um jogo importante amanhã, técnico – Mark diz plenamente preocupado.

— Eu estou confusa – Sarah diz. Ela se vira para o Mark. — Você não sabia que ela era uma mulher? Ou *Loriena*?

— Eu só pensei que desde que o *GUARD* era tão bom com computadores... – Mark começa.

Ela ergue os seus olhos um pouco.

— *O quê?* – Mark pergunta. — Okay, sim, eu presumi que ela era um cara. Desculpa. Eu acho que ‘*GUARD*’ é tecnicamente um gênero neutro.

— Você é de Lorien – Sarah diz mais do que pergunta.

Eu concordo com a cabeça.

— E por ser mais velha... você deve ter estado lá quando o planeta foi atacado.

Eu concordo de novo, porém mais devagar. O rosto da Sarah parece calmo.

— Eu estava em uma nave diferente, do que a escolhida para Garde

– Eu digo. — Éramos poucos.

— Ella... – Ela murmura, e esse nome para o meu coração.

— O que você sabe sobre ela? – eu pergunto e dou dois passos na direção de Sarah. — Você já a conheceu? Ela está com o Número Quatro?

Ela nega com a cabeça.

— Os Mogs a pegaram – ela diz devagar.

Eu engulo seco. — E o Crayton? Eles o levaram também?

— Crayton – Sarah suspira. Ela leva alguns segundos para ela dizer o nome dele. — Não, me desculpe... Ele foi morto há algum tempo atrás. Na Espanha, logo depois da Ella se juntar aos outros.

O choque deve estar registrado no meu rosto, porque de repente Sarah não está olhando para mim como se eu estivesse apontando uma arma para ela. Instantaneamente, ela coloca uma das mãos em minhas costas e puxa uma cadeira para eu sentar, e antes de eu sequer notar, estou sentada.

— É claro. – ela diz. — Eu devia ter presumido que você não sabia. Você estava na outra nave com eles. Oh meu Deus, me desculpe.

As minhas mãos estão tremendo. Eu me pergunto como Crayton morreu – protegendo a Ella, sem dúvida. Onde ela poderia estar agora? O que eles podem estar fazendo nela? As minhas mãos tremem enquanto eu tento descobrir o que fazer a seguir.

A Chimaera que eles chamam de Bernie Kosar pula nas minhas pernas in forma de cachorro, me encarando com uma longa língua para fora. O seu rabo bate contra o chão.

— Eu acho que ele gosta de você. – Sarah diz.

Eu me abaixo, olho nos olhos negros dele.

— Eu já conheci muitos de sua espécie – eu digo, pensar naqueles dias parece que aconteceram há muito tempo atrás, quando Zophie e Crayton, o bebê magrinho e eu, estávamos todos enfiados em uma nave com uma dúzia de Chimaerae. — Eu espero ver mais de vocês um dia.

Ele lambe uma pequena lagrima branca e salgada do lado meu rosto.

— Hm, se serve de consolação – diz Mark, — parece que a Ella se tornou super fodona! Tipo, pelo que parece ela estava em Dulce e causou algum estrago.

Ela estava em Dulce. Quando? Quão perto dela eu estive?

Eu limpo a minha bochecha com a manga da minha blusa olhando para o Mark. Ele está se mexendo, com a sua testa enrugada em preocupação. Eu acho que ele está tentando me fazer sentir melhor.

— É, então, - ele continua, balançando a cabeça para o hangar da nave. — Talvez você pudesse nos mostrar como é dentro dessa coisa? Eu nunca estive em uma nave espacial antes.

Eu sorrio um pouco.

— Se mantenha atento, Jolly Roger, e talvez um dia você poderá pilotá-la.

CAPÍTULO ONZE

— PUTA MERDA – MARK DIZ QUANDO A RAMPA DE METAL fecha. — Eu quis dizer... *puta merda*.

— Espere até você ver ela na velocidade máxima – eu digo. — Se eu conseguir colocar ela para funcionar com os combustíveis da Terra.

— Dedos cruzados – Sarah murmura. Os olhos dela estão arregalados enquanto ela olha em volta.

— Superstições não vão colocar essa beleza no ar. Eu estava colocando os toques finais no sistema de combustível quando vocês dois chegaram. Vamos ver se funcionou.

— Você está dizendo que vamos decolar agora? – Mark pergunta.

— Não, eu só vou ligar o motor, com alguma sorte.

Ele parece um pouco nervoso.

Eu aperto as instruções no painel quando nós chegamos a cabine do piloto. Eles se ligam devagar. De repente, a nave cria vida ao nosso redor.

— Parece um bom sinal – Sarah diz.

— Agora vem o verdadeiro teste – eu digo.

Eu configuro mais alguns controles. A nave começa a decolar

devagar. Do meu lado, Mark se joga em uma cadeira na frente dos controles e sussurra alguns xingamentos.

Nós estamos a alguns metros do chão quando todo o casco da nave começa a tremer, e de repente caímos um pouco, causando aos meus dois amigos humanos, muitas reclamações. Mas a nave se recupera. Nivelamos até todos os sistemas ficarem normais.

— Por Lorien — eu murmuro. — Eu acho que vai funcionar. A nave está funcionando com o sistema de combustível que eu instalei, e nós temos mais alguns dias para os cristais se recarregarem.

— Isso é bom? — Sarah pergunta.

— É muito bom — eu digo.

Eu desço a nave e a desligo. Mark parece um pouco tremulo. Há um brilho na sua testa.

— Eu acho que eu provavelmente deveria me sentar — ele diz. Sarah toca na sua testa.

— Ele está fervendo.

Eu o levo de volta para baixo, para o que deve ser um escritório no hangar — provavelmente uma sala do processo da plantação. Agora está cheio de computadores e monitores. Eu lhe dou alguns remédios e começamos a trocar informações. Nós aprendemos mais sobre um do outro.

Eu dou a Mark e Sarah um resumo da minha história, deixando fora a parte de ter usado Mark ou rastrear todas as comunicações — embora pelo olhar no seu rosto, eu acho que ele descobriu sozinho. Sarah me atualiza sobre a Garde, quem eles são e sobre quais Legados eles têm. Ela me conta tudo que ela sabe sobre os Mogs. É fácil de conseguir informações agora que não preciso do Mark para ficar no meio de nós ou ficar evitando falar a minha identidade. Ela conta que não só Malcolm Goode foi encontrado, como o seu filho, Sam, se juntou à batalha. Eu não consigo evitar sorrir com isso, por saber que Malcolm conseguiu se reunir com o garotinho dele. Eu não posso

dizer que eles estavam seguros no meio disso, mas pelo menos agora eles estão juntos.

Eu pergunto muitas coisas sobre a Ella, o que ela se tornou e descubro que ela está forte, uma poderosa jovem Garde. Justo a menina que eu imaginava que Crayton queria que ela se tornasse. Sarah gastou uma grande parte de tempo com ela, e eu posso dizer que ela está preocupada com a Ella pelo jeito que ela fala.

— Tudo aconteceu tão rápido em Chicago – Sarah diz, seus olhos parecendo distantes. — Ella estava tendo um tipo de visão e então de repente os Mogs estavam lá. Nós estávamos fracos.

— Escória Mogadoriana – eu murmuro.

— Nós vamos trazê-la de volta – Mark murmura. — E nós vamos acabar com o bando dessas criaturas pálidas no caminho. Cinzas a cinzas. Pó a...

— Sério Mark? – Sarah pergunta.

— O que? – suas sobranceiras se juntam por um segundo. Então ele relaxa. — Você está certa. Eu deveria ter guardado para depois que nós matássemos aquilo-Rá ou algo assim.

Sarah não diz nada, só dá um pequeno sorrisinho e revira os olhos.

Ela se vira para um dos monitores do lado dela, que passa um jornal de notícias 24hs. Os seus olhos se arregalam, e vários sons saem da sua boca, mas nenhuma palavra.

— Oh, vamos lá Sarah – Mark fala baixinho, preocupado. — Não foi *tão* ruim. Sarah?

— Oh Deus.

Todos os meus computadores começam a bipar, me contando que algo muito importante está acontecendo. Essa notícia é importante.

— Sarah, o que é? – Mark está do lado dela, em alguns rápidos passos. E então ele também está incapaz de formar qualquer palavra.

É só quando me junto a eles que eu compreendo o que está errado.

Uma nave de guerra gigante Mogadoriana está sobre Nova Iorque.

— Está acontecendo – eu murmuro. — A invasão começou.

Não é só em Nova Iorque; as naves estão em todo lugar, em cidades em todo o planeta. Nós assistimos as notícias em um silêncio chocante até o celular via satélite da Sarah tocar, e todos nós nos movemos. Enquanto Sarah fala com o Número Quatro, eu entro em ação, abrindo o meu laptop. Reportagens estão falando sobre uma tal de conferência em Nova Iorque – alguma coisa que está relacionada aos documentos do ProMog que eu descobri no computador do Purdy, mas que nunca entendi. Essa invasão é muito diferente da de Lorien: Não há fogo ou mísseis. Pelo menos ainda não.

— Eu acho que eles vão fingir ser diplomáticos ou algo assim – eu digo.

— Isso explicaria porque eles enrolaram tanto o governo – Mark concorda. Ele pega um laptop da sua mochila – o que eu dei a ele depois que ele foi a Dulce – e começa a digitar.

— Consiga todos os poderes que você tem dos Estados Unidos e dos Mogs que você ainda não me mandou. Se os Mogs estão indo a público, nós também. Eu quero essa notícia na primeira página de todos os sites, todos...

— Um passo à sua frente – ele diz animado. — Eu estou te mandando uma pasta zip que inclui o pior do pior do ProMog e uma coleção de todas as postagens relevantes de *“Eles Estão Entre Nós”*. Algumas eu nem postei ou aprovei ainda.

O arquivo aparece na minha tela. Eles completam perfeitamente com a bomba de informação que tenho, eu coloco-as juntas depois de ter ficado juntando-as por anos.

— Isso está ótimo, Mark. – eu aceno pra ele. Ele encolhe os ombros.

— Eu não vou deixar esses idiotinhas tentarem passar a perna na raça humana.

— Parece que os outros estão na mesma onda. – Sarah diz,

desligando o telefone. — O Sam está me mandando um vídeo, do John curando alguém e alguns dos Mogs atirando. Eu estava pensando que nós poderíamos fazer um vídeo ou algo assim para explicar o que está acontecendo.

— Isso é bom — Mark diz. — Nós poderíamos colocar as informações do ProMog também. *GUARD*, quer dizer, *Lexa*, você poderia, eu não sei... colocá-lo na primeira página do YouTube ou algo assim?

— Fácil. — eu digo. — Vocês dois foquem em conseguir isso. E eu vou fazer os últimos ajustes na nave e ter certeza que ela está pronta para viajar. E com o estoque cheio, eu acumulei um arsenal de armas aqui.

Mark bate na mesa onde o seu laptop está.

— Merda, - ele diz — eu ia usar o vídeo do John saindo tipo superman e pulando da minha casa em chamas, mas eu não consigo achar.

— Com certeza não, - eu digo, digitando no meu computador. — Eu sumi com aquele vídeo da internet assim que o vi. E também destruí o celular de onde veio. Aqui, eu acabei de mandar uma cópia que eu salvei nos meus dados, junto com outras imagens ou gravações que venho colecionando ao longo dos anos.

Quando começo a caminhar para longe, ouço a Sarah sussurrar para o Mark:

— Ela é boa.

— Você não viu nada — ele responde.

Eu começo a última inspeção no novo sistema de combustível para a nave, tentando transformar dias de trabalho em horas. Eu só paro quando escuto a Sarah gritar, e eu olho a televisão. Número Quatro está lá, parecendo poderoso e firme enquanto encara Setrákus Ra, o líder dos Mogadorianos. Sarah está pálida enquanto ela assiste sem dizer nada. Quando a recepção da TV corta, ela só acena com a cabeça.

— Eu estou pronta para gravar o áudio do vídeo.

Eles voltam ao trabalho. E eu também. Horas passam, e quando eu finalmente faço uma pausa para tomar água e recuperar um pouco de energia, encontro Mark e Sarah ainda lidando com o laptop.

— Ei! — Mark diz. — Venha ver isso!

Ele e a Sarah se separam e colocam o vídeo em tela cheia.

— *“Esse é o nosso planeta, mas nós não estamos sozinhos na galáxia”* — a voz da Sarah sai pelo auto falante, boa e firme, e no vídeo há um zoom na imagem da Terra. Daí vai para uma gravação do YouTube do Número Quatro e então para ele colocando as mãos sobre alguém que eu mal reconheço como o Secretário de Defesa. John parece estar curando ele. Sarah continua.

— *“Há alienígenas entre nós. Alienígenas bons. Refugiados do planeta Lorien. Esse é John Smith, um Garde de Lorien, um garoto abençoado com incríveis poderes. Ele luta pela Terra agora. Ela é a sua casa”*.

O vídeo muda para partes de gravações dos Mogadorianos com armas batendo nos humanos, no que parece ser as ruas de Nova Iorque.

— *“As naves acima de suas cidades agora, não são amigáveis. Elas são dos Mogadorianos, os alienígenas ruins, que destruíram o planeta natal do John Smith. Eles vieram para cá, para nos escravizar e tomar a Terra para eles. Eles têm, até mesmo, aliados infiltrados no governo”*.

Vários documentos e pedaços de textos são fixados na tela como links — eu reconheço os do ProMog. A gravação de repente muda para um gráfico mostrando a localização das naves de guerra dos Mogs. Parece uma imagem de algum jornal de notícias.

Sarah conclui: — *“Nós não estamos sozinhos. Eles estão entre nós. Nós devemos nos juntar as nossas forças com os Lorienos e lutar contra os Mogadorianos”*.

O vídeo acaba.

— Então, se eles clicarem em qualquer lugar do vídeo, vai levá-los

ao site e para todos os arquivos que nós juntamos – Mark diz. — E vai ter um link na descrição, óbvio. Você acha que está bom?

— Está muito bom, - eu digo. — Coloque em “*Eles Estão Entre Nós*”, para o caso do vídeo ser apagado.

Quando é colocado, eu mudo alguns códigos e algoritmos, para que o vídeo fique no topo dos vídeos mais vistos no YouTube para o mundo inteiro. O número de visualizações vai aos céus em apenas alguns minutos, mais rápido do que se consegue contar. Mesmo com tudo que está acontecendo pelo mundo, o vídeo se espalha. O Mark diz que é como um ‘vírus’. Em um mundo que de repente está cheio de perguntas, nós somos capazes de respondê-las.

Mark continua digitando no seu computador enquanto a Sarah tenta ligar para o Quatro pelo telefone via satélite. Ele não tira os olhos das notícias. À noite caí. Eu volto a trabalhar na nave. Eu gostaria de tirá-la para alguns testes no céu antes da batalha, mas eu não tenho essa sorte – não com naves de guerra estacionadas acima das cidades no mundo. Ainda assim, eu tiro um tempo para checar pela terceira vez o meu trabalho e tentar todos os pequenos testes que eu posso pensar. A última coisa que precisamos é uma falha no sistema durante uma batalha com os Mogs.

Há luz lá fora quando finalmente estou satisfeita com o meu trabalho e volto para o hangar. Mark está caído na mesa, com a boca aberta enquanto dorme, respirando suavemente.

Sarah me dá um sorriso fraco.

— Ele dormiu enquanto verificava a quantidade de visualizações do vídeo. Eu achei que ele poderia descansar. – ele encara o telefone na sua mão, e é óbvio que ela ainda não conseguiu entrar em contato com o Número Quatro.

— Pelo pouco que eu vi do Número... *John*, ele é um Garde impressionante. Eu tenho certeza que ele ainda está lutando. – Sarah move um pouco a cabeça.

— Né. Com certeza ele é.

Ela fica quieta, e parece que a energia foi sugada da sala. Depois se ficar por tanto tempo sozinha, talvez eu não saiba mais ter uma boa conversa. E então eu pego umas garrafas de água de uma mini geladeira e deixo uma perto da cabeça do Mark. Ele pula, acordando para a vida.

— O que? Onde? — ele olha em volta, e a sua respiração acelera até ele lembrar onde está. — Oh, certo. O que eu perdi?

O celular da Sarah toca antes de qualquer um de nós pudéssemos responder.

— É ele — ela quase grita enquanto pula. — Ele saberá o que está acontecendo em Nova Iorque.

— Já era tempo — Mark diz em um bocejo. — O nosso ET salvador.

Sarah atende ao telefone no terceiro toque. O seu rosto brilha, de esperança, ignorando tudo que está acontecendo de errado no mundo.

— John? — ela pergunta, suspirando, e uns segundos depois uma voz do outro lado da linha responde, o que parece uma eternidade.

— Tudo certo — Mark empurra a sua cadeira até mim. Estica seus braços acima de cabeça e estala seu pescoço. — O que agora?

— Eu esperei anos para essa batalha começar. — eu aponto a nave.

— Eu digo para nós nos juntarmos ao resto da Garde e mostrar aos Mogadorianos o que essa velha garota pode fazer. Eu não vou mais me esconder nas sombras.

— É isso aí! Vamos chutar alguns traseiros Mogadorianos.

— É a hora de nós irmos lutar com eles — eu me viro para o Mark. Eu não posso controlar um pequeno sorriso. — Eu quero ver se Ella se lembra de mim quando nós a libertarmos.

BOOK SIX OF THE NEW YORK TIMES BESTSELLING
I AM NUMBER FOUR SERIES



**THE FATE
OF TEN**

PITTACUS
LORE

CAPÍTULO UM

NÓS PASSAMOS PELA ASA QUEBRADA DE UM AVIÃO DE COMBATE explodido, o pedaço de metal jogado no meio da rua de uma cidade como uma barbatana de tubarão. Quanto tempo se passou desde que vimos os jatos fazendo barulhos no céu, uma formação clara indo para o centro da cidade e a *Anúbis*? Parece que foi há dias, mas deve ter sido apenas há algumas horas. Algumas das pessoas que estão com nós – os sobreviventes – eles gritaram e aplaudiram quando viram os jatos, como quando a maré começa a subir.

Eu sabia o que aconteceria. Fiquei em silêncio. Apenas alguns minutos depois, podemos ouvir as explosões enquanto a *Anúbis* destruía esses jatos no céu, estilhaçando as peças militares mais sofisticadas da Terra por toda a ilha de Manhattan. Eles não mandaram mais nem um jato desde então.

Quantas mortes até agora? Centenas. Milhares. Talvez mais. E é tudo minha culpa. Porque eu não pude matar Setrákus Ra quando tive a chance.

— À sua esquerda! — um homem grita de algum lugar atrás de mim. Eu viro minha cabeça, carrego uma bola de fogo instantaneamente, e incinero um Mogadoriano enquanto ele virava a esquina. Eu, Sam, e uma dúzia de sobreviventes que fomos juntando pelo caminho - mal conseguimos dar passos largos. Estamos na parte sul de Manhattan agora. Fugimos para cá. Lutamos até chegarmos aqui. Quarteirão por quarteirão. Tentando aumentar a distância entre nós e o centro da cidade, onde os Mogadorianos estão em maior quantidade, onde vimos pela última vez a *Anúbis*.

Estou exausto.

Eu tropeço. Eu mal consigo sentir meus pés, eles estão cansados. Acho que estou prestes a desmoronar. Um braço gira em torno do meu ombro e me estabiliza.

— John? — Sam pergunta, preocupado. Ele está me segurando. Parece que sua voz está vindo de dentro de um túnel. Eu tento respondê-lo, mas as palavras não vêm. Sam vira a cabeça e fala com um dos sobreviventes. — Precisamos sair das ruas por algum tempo. Ele precisa descansar.

A próxima coisa que eu lembro, é estar encostado contra a parede do hall de entrada de um prédio residencial. Eu devo ter desmaiado por alguns minutos. Eu tento me fortalecer, descansar. Preciso continuar lutando.

Mas eu não consigo — meu corpo se recusa a ser punido novamente. Eu deixo meu corpo se deslizar contra a parede para que eu então sente no chão. O carpete está coberto de poeira e vidro quebrado que deve ter sido explodido de fora para dentro. Há mais ou menos vinte e cinco de nós juntos aqui. Isso foi tudo que conseguimos salvar. Todos sujos e manchados de sangue, alguns machucados, todos cansados.

Quantos ferimentos eu curei hoje? Foi fácil, no começo. Depois de um tempo, então, eu pude sentir meu Legado de cura drenar minha própria energia. Eu devo ter atingido meu limite.

A GUARDIÃ

Eu me lembro das pessoas não pelo nome, mas pelo estado em que eu as encontrei ou pelo o que eu curei. Braço-quebrado e preso-embaixo-do-carro parecem preocupados, com medo.

Uma mulher, a Pulou-da-janela, coloca sua mão em meus ombros. Eu assinto para ela dizendo que estou bem e ela parece aliviada.

Bem na minha frente, Sam conversa com um policial sem uniforme que parece ter uns cinquenta anos. Ele tem sangue seco por toda parte em um lado do rosto de um corte no topo da cabeça que eu curei. Eu esqueci o nome dele ou onde o encontramos. As vozes deles parecem distantes, como se fossem o eco vindo de um túnel de um quilômetro de distância. Eu tenho que me focar para entender o que eles dizem, e mesmo isso me toma um esforço colossal. Minha cabeça parece estar envolta a algodão.

— Ouvi no rádio que temos um ponto de apoio na ponte do Brooklyn – o policial diz. — DPNY, Guarda Nacional, exército... caramba, todo mundo. Eles estão guardando a ponte. Evacuando os sobreviventes de lá. É apenas há alguns bairros de distância e eles dizem que os Mogs estão concentrados no norte da cidade. Nós podemos conseguir.

— Então vocês devem ir – Sam responde. — Partam agora que a costa está limpa, antes que mais uma das patrulhas deles apareçam.

— Vocês deveriam vir conosco, garotos.

— Não podemos – Sam diz. — Um dos nossos amigos ainda está lá fora. Temos que encontrá-lo.

Nove. É quem precisamos encontrar. A última vez que o vimos, ele estava lutando com Cinco em frente às Nações Unidas. *Através das Nações Unidas.* Temos que encontrá-lo antes de deixarmos Nova Iorque. Temos que encontrá-lo e salvar o tanto de pessoas que pudermos. Meus sentidos estão começando a voltar, mas ainda estou demasiado exausto para me mover. Eu abro minha boca para falar, mas tudo o que eu consigo é um gemido.

— Ele está no limite – diz o policial, e sei que ele fala de mim. — Vocês dois já fizeram o suficiente. Venham conosco agora, enquanto podem.

— Ele vai ficar bem – Sam diz. A dúvida em sua voz me faz ranger os dentes e focar. Eu preciso me esforçar, levantar e continuar lutando.

— Ele desmaiou.

— Ele só precisa descansar por alguns minutos.

— *Eu estou bem* – eu murmuro, mas não acho que eles me ouviram.

— Você vai acabar sendo morto se ficar, garoto – o policial fala para Sam. — Vocês não podem continuar com isso. Há muito deles contra vocês dois. Deixe isso para o exército, ou...

Ele para. Nós sabemos que o exército já fez sua tentativa. Manhattan está perdida.

— Iremos sair daqui o mais rápido que pudermos – Sam responde.

— Você aí em baixo consegue me ouvir? – o policial está falando comigo agora. Usando o mesmo tom na voz que Henri costumava usar. Eu me pergunto se ele tem filhos em algum lugar. — Não há mais nada que você possa fazer aqui. Você nos trouxe até aqui, deixe-nos fazer o resto. Nós iremos carregá-lo até a ponte, se for preciso.

Todos os sobreviventes da sala assentem, murmurando em concordância. Sam olha para mim, suas sobranceiras erguidas em questionamento. Seu rosto está sujo com poeira e cinzas. Ele parece exausto e fraco, como se mal conseguisse se manter em pé. Uma arma Mogadoriana está pendurada em sua cintura presa por um fio de eletricidade cortado, e é *como* se o corpo todo dele estivesse pendido para aquela direção, o peso extra ameaçando derrubá-lo.

Eu me forço a levantar. Meus músculos estão cansados e quase inúteis. Estou tentando mostrar para o policial e para os outros que eu ainda tenho forças dentro de mim, mas eu posso dizer pelo modo que eles estão me olhando que estão com pena, que eu não pareço muito promissor. Eu mal consigo impedir minhas pernas de tremerem. Por um momento, parece que eu vou desmoronar no chão. Mas então, alguma

coisa acontece – eu sinto como se uma força tivesse me levantado e começado a me carregar, suportando um pouco do meu peso, endireitando minhas costas e esticando meus ombros. Eu não sei como eu estou fazendo isso, onde estou encontrando força, é quase sobrenatural.

Não, na verdade não é sobrenatural. É o Sam. Telecinese. Sam está se concentrando em mim, tentando fazer parecer que ainda há um pouco de força dentro de mim.

— Vamos ficar – eu digo, finalmente, minha voz rouca. — Há mais pessoas para serem salvas.

O policial move a cabeça em questionamento. Atrás dele, uma garota que eu vagamente me lembro de tê-la salvo de cair de uma escada de incêndio começa a chorar. Não tenho certeza do motivo. Sam continua completamente focado em mim, com uma expressão de esforço no rosto, gotas de suor formando em sua têmpora.

— Mantenham-se em segurança – eu digo para os sobreviventes. — Então, ajudem quem vocês puderem. Este é o planeta de vocês. Vamos todos salvá-lo juntos.

O policial dá alguns passos até mim para apertar minha mão. — Não iremos esquecer de você, John Smith – ele diz. — Todos nós. Devemos nossas vidas à você.

— Mande todos eles para o inferno – alguém diz.

E então de uma vez todos os outros do grupo dos sobreviventes estão se despedindo e agradecendo. Eu junto meus dentes no que espero ser um sorriso. A verdade é que, estou muito cansado para isso. O policial – ele é o líder agora, ele irá mantê-los seguro – ele garante com que todos fiquem quietos e sejam rápidos, e então os lidera para fora do hall do prédio residencial e os guia em direção à ponte do Brooklyn.

Assim que ficamos sozinhos, Sam me solta da força telecinética que ele usava para me manter ereto e eu caio para trás, me encostando na parede novamente, lutando para manter meus pés sob meu corpo. Ele

está sem fôlego e suando pelo esforço que fez para me manter daquele jeito. Ele não é loriene e não teve treinamento adequado, mas de algum jeito ele desenvolveu um Legado e começou a usá-lo da melhor maneira que conseguiu.

Considerando nossa situação, ele não teve escolha de aprender a usá-lo no caminho para cá. Sam com Legados – se as coisas não estivessem tão caóticas e desesperadoras, eu estaria mais animado. Eu não tenho certeza de como nem porque isso aconteceu com ele, mas o mais novo poder de Sam é na verdade uma das únicas coisas que ganhamos desde que chegamos à Nova Iorque.

— Obrigado – eu digo, as palavras saem com mais facilidade agora.

— Sem problemas – ele responde. — Você é o símbolo da resistência da Terra agora; não podemos deixá-lo caído por aí.

Eu tento me desencostar da parede, mas minhas pernas ainda não estão prontas para suportar todo meu peso. Seria mais fácil se eu apenas me arrastasse para a porta do apartamento.

— Olhe para mim. Não sou o símbolo de nada – eu resmungo.

— Pare – ele diz. — Você está exausto.

Sam coloca seu braço em volta de mim, me ajudando. Ele está se arrastando também, então eu tento não jogar tanto peso em cima dele. Estivemos no inferno nas últimas horas. As peles das minhas mãos estão formigando pelo tanto que tive que usar meu Lúmen, jogando bolas de fogo de pelotão em pelotão de Mogadorianos. Eu espero que não tenha danificado nenhum nervo permanentemente ou coisa do tipo. O pensamento de acender meu Lúmen agora quase faz com que meus joelhos cedam.

— Resistência – eu digo amargamente. — Resistência é o que acontece depois de você perder uma guerra, Sam.

— Você sabe o que eu quis dizer – ele responde. Eu posso dizer pelo tom de sua voz trêmula que é um esforço para Sam parecer otimista depois de tudo o que vimos hoje. Pelo menos ele está tentando. — A

A GUARDIÃ

maioria dessas pessoas sabiam quem você era. Eles disseram que havia um vídeo seu ou coisa do tipo no noticiário. E tudo o que aconteceu na NU – você basicamente desmascarou Setrákus Ra em frente de uma audiência internacional. Todo mundo sabe que você tem lutado contra os Mogadorianos. Que você tentou impedir isto.

— Então eles sabem que eu falhei.

A porta para o apartamento do primeiro andar está entreaberta. Eu a empurro e depois Sam a fecha e a tranca atrás de nós. Eu tento encontrar o interruptor de luz mais próximo, surpreso por ver que ainda há eletricidade aqui. A eletricidade só está presente em alguns pontos da cidade. Eu acho que esse bairro ainda não foi atingido com força. Eu apago as luzes rapidamente – na nossa atual situação, não queremos atrair atenção de nenhuma patrulha Mogadoriana que possam estar nos arredores. Enquanto eu tropeço até o colchão mais próximo, Sam está fechando as cortinas do apartamento.

O apartamento é pequeno, de um cômodo só. Há uma pequena cozinha apertada separada da sala de estar por um balcão de granito, um pequeno *closet* e um pequeno banheiro. Quem quer que viva aqui definitivamente deixou tudo com pressa, há roupas espalhadas pelo chão, uma tigela de cereal virada de ponta cabeça e um quadro de fotos quebrado perto da porta, que parece que foi pisado. Na foto, um casal de uns vinte anos cada posa em frente de uma praia tropical, um pequeno macaco no ombro do rapaz.

Essas pessoas tinham uma vida normal. Mesmo se eles conseguiram sair de Manhattan e estiverem em segurança, isso acabou agora. A Terra nunca mais será a mesma. Eu costumava imaginar um lugar calmo como esse para Sarah e eu, uma vez que os Mogadorianos forem derrotados. Não um apartamento apertado na cidade de Nova Iorque, mas algo simples e calmo. Há uma explosão distante, os Mogs destruindo alguma coisa na parte norte da cidade. Eu percebo o quão ingênua os sonhos de vidas após guerra são. Nada nunca mais será normal depois disso.

Sarah. Espero que ela esteja bem. Era o rosto dela que eu chamava em meus pensamentos nas partes mais difíceis da nossa batalha pelos bairros de Manhattan. Continue lutando e você irá vê-la novamente, era o que eu ficava repetindo para mim mesmo. Eu queria poder falar com ela. Eu *preciso* falar com ela. Não apenas com Sarah, mas com Seis também – eu preciso entrar em contato com os outros, tentar descobrir o que Sarah conseguiu com Mark James e seu misterioso contato, e para saber o que Seis, Marina e Adam fizeram no México. Isso tem de ter alguma ligação com Sam ter de repente desenvolvido um Legado. E se ele não for o único? Eu preciso saber o que aconteceu fora da cidade de Nova Iorque, mas meu telefone via satélite foi destruído quando eu caí no Lago Oeste e o celular pré-pago está sem sinal de internet. Até agora, somos apenas eu e Sam. Sobrevivendo.

Na cozinha, Sam abre a geladeira. Ele para e olha para mim.

— É errado pegarmos a comida dessas pessoas? – ele pergunta.

— Tenho certeza de que eles não irão se importar – eu respondo.

Eu fecho meus olhos pelo que parece ser um segundo, mas deve ter sido mais, e quando os abro há um pedaço de pão perto do meu nariz. Com uma mão esticada teatricamente como em uma HQ, Sam telecinematicamente flutua um sanduíche de pasta de amendoim, um prato de plástico e uma colher em frente do meu rosto. Mesmo me sentindo fraco, eu não posso evitar sorrir com seu esforço.

— Me desculpe, não foi minha intenção acertá-lo com o sanduíche – Sam diz enquanto eu pego a comida do ar. — Ainda estou me acostumando com isso, obviamente.

— Não se preocupe. É fácil puxar e empurrar com telecinese. A precisão é a parte mais difícil de se aprender.

— Sem brincadeiras – ele diz.

— Você está se saindo incrivelmente bem para quem desenvolveu telecinese há apenas quatro horas, cara.

Sam se senta no colchão perto de mim com seu sanduíche. — Ajuda se eu imaginar que eu tenho, tipo, mãos invisíveis. Isso faz sentido?

Eu penso como foi quando eu treinei minha própria telecinese com Henri. Parece que foi há tanto tempo.

— Eu costumava visualizar o que quer que eu fosse mover, e então desejava que acontecesse. — eu digo a Sam. — Começamos com coisas pequenas. Henri costumava jogar bolas de *baseball* contra mim no quintal, e então eu praticava tentando segurá-las com minha mente.

— Ah, bem, eu não acho que brincar de batedor é uma opção para mim nesse momento — Sam diz. — Eu vou encontrar outras maneiras de praticar.

Sam flutua seu sanduíche do seu colo. Ele inicialmente o aproxima da boca para morde-lo, mas ele erra a altura depois de alguns segundos de concentração.

— Nada mal — eu digo.

— É mais fácil quando não estou pensando sobre isso.

— Como quando estávamos lutando pelas nossas vidas, por exemplo?

— Sim — Sam diz, movendo a cabeça assentindo. — Vamos falar sobre como isso aconteceu comigo John? Ou por que aconteceu? Ou ... Eu não sei. O que isso significa?

— Os Garde desenvolvem seus Legados na adolescência — eu digo, dando de ombros. — Talvez você seja apenas um cara atrasado.

— Amigo, você esqueceu que não sou lorieno?

— Muito menos o Adam, mas ele tem Legados — eu digo.

— É, o pai bruto dele o conectou com uma Garde morta e...

Eu levanto uma mão e interrompo Sam. — Tudo o que quero dizer é que nada está definido. Acho que os Legados não funcionam da forma que meu povo presumia — eu pauso por um momento para pensar. — O que aconteceu com você tem algo a ver com o que Seis e os outros fizeram no Santuário.

— Seis fez isso... — Sam diz.

— Eles foram para lá para encontrar Lorien na Terra, e eu acho que eles conseguiram. E então, talvez Lorien escolheu você.

Sem nem perceber, eu já devorei meu sanduíche de pasta de amendoim. Meu estômago ronca. Eu me sinto um pouco melhor, minha força começando a ser restaurada.

— Bem, é uma honra – Sam diz, olhando para suas mãos e pensando sobre tudo. Ou, tá mais pra tipo, pensando *em* Seis. — Uma honra aterrorizante.

— Você se saiu bem lá fora. Eu não poderia ter salvo todas aquelas pessoas sem você – eu digo, dando palmadinhas nas costas de Sam. — A verdade é que, eu não sei que infernos está acontecendo. Eu não sei como, nem porquê você de repente desenvolveu um Legado. Estou apenas feliz por ter acontecido. Estou feliz por ainda ter um fiapo de esperança na nossa situação de morte e destruição.

Sam fica de pé, limpando sua roupa dos farelos das calças. — É, esse sou eu, a grande esperança da humanidade, atualmente morrendo por outro sanduíche. Quer outro?

— Eu posso fazê-lo – eu digo a Sam, mas quando eu me inclino para levantar, eu sou imediatamente empurrado de volta para o colchão.

— Vai com calma – Sam diz, fingindo não estar cansado como eu estou. — Eu cuido dos sanduíches.

— Vamos ficar aqui por apenas mais alguns minutos – eu digo, sonolento. — Então vamos procurar Nove.

Eu fecho os olhos, ouvindo Sam fazendo os lanches na cozinha, tentando espalhar a pasta de amendoim telecinematicamente com a faca. Nos fundos, sempre de fundo agora, eu posso ouvir o barulho de lutas em algum lugar de Manhattan. Sam está certo – somos a resistência. Deveríamos estar lá fora resistindo. Se eu puder apenas descansar por alguns minutos...

Eu não abro meus olhos até Sam balançar meus ombros. Imediatamente, eu posso dizer que eu dormi. A luz no apartamento

mudou, dá para ver as luzes das ruas acesas, um brilho amarelo atravessando as cortinas. Um prato com sanduíches me espera num sofá próximo a mim. Estou tentado a ir lá e devorar todos. Parece que tudo dentro de mim está a nível animal agora – sono, fome, raiva.

— Por quanto tempo eu apaguei? – eu pergunto a Sam, me sentindo um pouco melhor fisicamente mas também culpado por dormir enquanto há pessoas morrendo por toda Nova Iorque.

— Mais ou menos uma hora – ele diz. — Eu iria deixá-lo descansar, mas...

Em explicação, Sam gesticula para trás, em direção a uma pequena tela de televisão que está fixada em uma das paredes do quarto. O noticiário local na verdade está transmitindo ao vivo. Sam deixou a televisão no mudo e a imagem ocasionalmente some e volta com a estática, mas há – a cidade de Nova Iorque em chamas. Imagens granuladas mostram uma iminente *Anúbis* atravessando o céu, suas armas laterais bombardeando o terraço dos arranha-céus mais altos até não sobrar nada além de destroços e poeira.

— Eu nem lembrei de verificar se ela estaria funcionando até alguns minutos atrás – ele diz. — Eu pensei que os Mogs teriam destruídos os prédios das emissoras, você sabe, por motivos de guerra.

Eu não esqueci o que Setrákus Ra me disse quando eu estava pendurado na sua nave sobre o Lago Oeste. Ele quer que eu assista a Terra cair. Lembrando agora, àquela visão de Washington D.C., que eu compartilhei com Ella, eu me lembro que a cidade parecia bem destruída, mas não fora completamente arrasada. E havia sobreviventes para servi-lo. Eu acho que estou começando a entender.

— Não é um acidente – eu digo para Sam, pensando alto. — Ele deve querer que os humanos sejam capazes de ver a destruição que ele está causando. Não foi como em Lorient onde sua frota apenas exterminou todo mundo. Foi por isso que ele tentou montar aquele show nas Nações Unidas, é por isso que ele criou aquela droga sombria de

ProMog, para tentar ter a Terra sob seu controle pacificamente. Ele planeja viver aqui depois de tudo. E se não houver ninguém para adorá-lo igual aos Mogadorianos, ele pelo menos quer que os humanos sobreviventes o temam.

— Bom, a parte de todos o temerem está funcionando — Sam diz.

Na tela, o noticiário mudou para uma cena ao vivo de uma âncora em sua mesa. O prédio da emissora desse canal provavelmente foi danificado de alguma forma durante a batalha porque parece que eles mal conseguem se manter no ar. Apenas metade das luzes do estúdio estão acesas e a câmera está vesga, a imagem não está na resolução e tamanho que deveria estar. Ela fala diretamente para a câmera durante alguns segundos, apresentando a próxima imagem.

A âncora desaparece, substituída por um vídeo tremido feito por um celular. No meio de um cruzamento importante, uma figura obscura gira e gira, como um lançador de discos Olímpicos se aquecendo. Com exceção de que esse cara não está segurando um disco. Com uma força sobre-humana ele está girando outra pessoa pelo tornozelo. Depois de uma dúzia de giros, o cara solta o corpo da outra pessoa, arremessando-o em direção à janela frontal de um cinema nas proximidades. O vídeo continua centrado no lançador, que levantando os ombros, grita o que parece ser um xingamento.

É Nove.

— Sam! Aumenta o volume!

Enquanto Sam tateia em busca do controle remoto, quem quer que tenha filmado Nove corre para trás de um carro para se proteger. É desorientador, mas o *cameraman* consegue continuar gravando com uma das mãos erguidas por cima do carro. Um grupo de soldados Mogadorianos apareceu no cruzamento, atirando em Nove. Eu assisto enquanto ele dança estupidamente para desviar dos tiros, usando telecinese para arremessar um carro na direção deles.

A GUARDIÃ

— ... novamente, esse vídeo foi gravado na *Union Square* há alguns momentos – a voz trêmula da âncora diz enquanto Sam aumenta o volume. — Nós sabemos que esse garoto super poderoso, hum, é possivelmente um adolescente alienígena que estava nas Nações Unidas junto com o outro jovem identificado como John Smith. Nós o vemos aqui empenhado em um combate contra os Mogadorianos, fazendo coisas humanamente impossíveis...

— Eles sabem meu nome – eu digo, quase em silêncio.

— Olhe – Sam diz, tocando meu braço.

A câmera está mostrando novamente o cinema, quando uma forma corpulenta lentamente se levanta da janela estilhaçada. Eu não tenho uma boa visão dela, mas eu imediatamente sei exatamente quem Nove estava arremessando. Ele voa do cinema para o céu, derruba alguns Mogs que ainda estão no cruzamento, e então mergulha violentamente em direção à Nove.

— Cinco – Sam diz.

A câmera não consegue acompanhar Cinco e Nove enquanto eles se chocam contra a grama de um pequeno parque nas proximidades, arrancando grandes pedaços de terra do chão.

— Eles estão se matando – eu digo. — Temos que ir até lá.

— Um segundo garoto extraterrestre está lutando com o primeiro, pelo menos quando eles não estão lutando contra os invasores..., - a âncora diz, parecendo perplexa. — Nós não sabemos o motivo. Não temos muitas respostas até agora, eu receio. Apenas... fique em segurança, Nova Iorque. Operações de evacuação estão acontecendo caso você tenha uma rota segura para a ponte do Brooklyn. Se você está próximo à batalha, mantenha-se dentro de casa e—

Eu pego o controle remoto da mão de Sam e desligo a TV. Ele me observa enquanto eu levanto, para garantir que estou bem. Meus músculos gritam em protesto e eu fico tonto por alguns segundos, mas eu posso aguentar. Eu tenho que aguentar. Nunca a expressão “lute

como se não houvesse amanhã” fez tanto sentido. Se eu for fazer isso da maneira certa – se vamos salvar a Terra de Setrákus Ra e dos Mogadorianos, então o primeiro passo é encontrar Nove e sobreviver à Nova Iorque.

— Ela disse *Union Square* – eu digo. — É pra lá que vamos.

A GUARDIÃ

EU SOU O NÚMERO QUATRO

OS LEGADOS SE DESENVOLVE EM...



NÃO PERCA NENHUMA PÁGINA REPLETA DE AÇÃO
DA SÉRIE DO #1 NEW YORK TIMES BESTSELLER
OS LEGADOS DE LORIEN

VISITE O SITE OFICIAL: WWW.IAMNUMBERFOURFANS.COM
PARA TER NOTÍCIAS DA SÉRIE E EXPOR SEUS PENSAMENTOS!

PITTACUS LORE